

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE JANEIRO DE 1900

N.º 23



Boas festas





## CARIDADE



A dois annos que algumas senhoras, viúvas, da primeira sociedade de Lisboa, reunidas sob a presidencia da rainha Senhora D. Maria Pia, constituiram por seu concurso uma nova Irmandade religiosa consagrada a levar socorros espirituaes aos enfermos desvalidos.

Não esquecerei que principiou por me fazer sorrir o piedoso compromisso d'estas senhoras. Na minha grossiera condição de velho critico, que em todo o decurso de sua estrada existencia, nunca até então adoeecera, facilmente se comprehenderá, talvez, que eu perguntasse um tanto perplexamente a mim mesmo, que especie de efficazes socorros de espirito se propriam levar á cabeça de um pobre enfermo de seu corpo as mais doces e dedicadas creaturas que para tal fim se tivessem podido congregar.

Como digo, eu não conhecia senão eruditamente, por superficiaes leituras e vaga informação, o que fosse o estado de doente. Para os effeitos da enfermidade habitara-me a ver os homens divididos em duas distinctas categorias: para um lado os saões, para outro lado os enfermos. Na categoria de saõ, eu considerava o doente um individuo tão inconfundivelmente diverso de mim como um preto. Aí não me culpe de insolentemente desaplidade para com os soffrimentos alheios! Os saões são todos assim, sem maldade e sem egoismo. Queiram crer os doentes que tambem me não dava nem mais felicidade nem mais orgulho ter saude do que ter o cabelo cor-deo e a pelle da côr impropriamente chamada branca. Porque, no concernente á saude é preciso notar que o contentamento provem de *se estar melhor*. Nunca provem de *se estar bom*. Estar bom é um phenomeno — se é que phenomeno chega a ser! — absolutamente imponderavel. A saude, bem como o dinheiro, é effectivamente um bem precioso — para quem o perde. Para quem possui em completa plenitude esses dois elementos tão importantes da existencia — a saude e o dinheiro — elles são tão inattendida coisa como o ar que se respira ou o espaço em que se está. Eu, com o ser tão pouco spiritualista como sou, acho-me chegado ao convencimento de que o nosso querido corpo não serve, afinal, senão para dar desgostos á gente. Se doe é um supplicio. Se não doe é nada. Porcaria de corpo! — como diria S. Paulo.

Em torno porem do enfermo, tal como eu confusamente o imaginava, o grupo elegantemente elegiaco da Irmandade das senhoras viúvas, de condição, de fortuna, de casta tão diversa da do doente, parecia-me ser de uma inopportuna angelica.

Conjecturava eu que um indigente plebeu, prostrado pela enfermidade, crucificado pela dôr n'um leito de hospital ou no proprio leito do seu quarto escuro e escuro, a todo o gesto aromatisado e caricioso, a toda a palavra enternecida e meiga, a todas as rosas da consolação mystica desprendidas do ceu por dedos tão bellos e tão puros como os dos proprios anjos de Giovanni da Fiesole, preferiria talvez a simples visita prosaica de um bom medico, de gabão e galochas enlameadas, uma grossa cataplasma anesthesiante e um caído bem feito.

Mas, n'este meio tempo, a Irmandade das senhoras viúvas publicou o primeiro relatório dos seus trabalhos, e, coincidentemente, eu mesmo, pela primeira vez em minha vida, caí doente para jazer prostrado n'uma cama ou n'uma poltrona, quasi paralytico, por espaço de oito mezes. Durante esse bastante longo parenthese de dolorosa contemplação, aberto na actividade da minha vida, em compensação de coisas menores que me esqueciam, outras aprendi, pela convivencia da minha familia, pelo trato dos meus amigos, acerca das multiplicas e sublis formas, para mim desconhecidas, que perante aquelles que soffrem pode assumir a primeira, a fundamental, a virtude mãe de todas as virtudes humanas, — a caridade.

O supremo fim da vida na terra, aquella para que vivem no mundo creaturas pensantes, não é, não pode ser outro — creio — senão completar a obra da natureza tirando d'essa obra o corollario que n'ella se contem, mas que a natureza não formulou, — a felicidade do homem. E, em ultimo resultado, para o augmento da felicidade humana, que, conscientemente ou inconscientemente, todos nos trabalhamos n'esta vida. E para a mais larga expansão e para o maior aperfeiçoamento d'essa felicidade que existem as artes, que existe a philosophia, que existe a sciencia, que existem as artes.

Uns explicam-nos, para ennobrecimento e gloria da nossa intelligencia, os phenomenos do ceu, da terra e do mar, ensinando-nos como apparecem e desaparecem as estrellas, como se produzem os raios, os eclipses e o luar, como sobem e decaem as marés, como se forma o coral, a perola. o

ouro, o diamante, o fructo e a flor. Outros estudam a vida subjectiva de cada povo, enunciando as leis que em cada zona do globo subordinam as produções do espirito ás produções da natureza, ao dizendo-nos como se estabelece o laço mysterioso que enfeixa todas as concepções do homem, transmitindo-as, patrimonio indestructivel da especie, de geração em geração, atravez dos seculos. Outros occorrem ás nossas necessidades materiaes de cada dia, permutando de região para região todos os productos do globo, pastoreando o rebanho, tosquendo o carneiro, espadelando o linho, forçando o pão, sachando ahorta, varçando o olival, vendendo a vinha, tecendo o estoffo, cosendo o vestido. Outros, enfim, servem carinhosamente a nossa divina predilecção pela belleza eterna das formas, das côres, dos sons, das ideias e dos sentimentos, fabricando-nos os moveis, as louças, as jolas, e dando-nos a architectura, a estatuaria, o quadro, o poema, o drama, a opera e o romance.

D'esse instinto innato, o qual nos impelle todos a sermos uteis uns aos outros, por effeito de uma lei de sympathia tão essencial ao equilibrio do mundo moral como a lei da gravidade ao equilibrio do mundo physico, d'esse instinto — digo — fez o christianismo uma virtude — a caridade, aquella das virtudes theologaes que, segundo S. João Christostomo, mais paglos converteu á doutrina de Jesus.

A natureza dizia-nos: *Sêde uteis!* O Evangelho espiritalisou essa lei, e disse: *Amai-vos uns aos outros.*

O que é a obra de caridade senão o serviço prestado *amorosamente* ao nosso proximo? A caridade é o trabalho, qualquer que seja o trabalho, quando aureolado pelo amor.

E' claro que todos podem ser caridosos desde que unjam de simples indulgencia, de pura bondade, os actos que praticam, naturalmente, sem espirito de seita, sem partidismo religioso, porque toda a seita é faccioso, e todo o partidismo é aggressivo, ainda que com beatidade. A caridade é virtualmente inherente a todo o homem bom, christão ou budhista, deista, polytheista ou atheu. Aquelles mesmos que não possuem bens proprios, nem tem a livre iniciativa dos seus actos, podem ainda ser caritativos poupando ou adoçando o trabalho dos outros. Por isso o grande John Ruskin, considerando que, para fazer o bem e agradar ao ceu, basta como as jovens atenienses, nas processões da sua deusa tutelar, levar os cestos das offerendas, prescreve ás pequenas ladies da sua patria o dever social de fazerem a sua cama, de lavarem a louça do seu uso e de arrumarem o seu quarto, — por amor dos seus criados.

A Irmandade portugueza das Senhoras Viúvas deveu-se algumas tocantes formas incidas de fazer bem. Foi precisamente uma d'essas invenções santamente engenhosas que me trouxe a escrever estas linhas em modesta saudação do anno santo, que amanhã começa.

A Irmandade das Senhoras Viúvas deliberou fundar, para recreio dos convalescentes pobres nos domicilios populares e nos hospitais de Lisboa, uma bibliotheca de livros e de estampas. Que insondavel manancia de consolações para o espirito e de confortos para o character n'essa tão modesta e tão linda obra! E' incalculavel todo o bem que pode estar recommendado no fundo de um livro ou no breve texto de um simples artigo do revista ou de jornal, sobretudo para o cerebro entristecido e desocupado de um solitario, na psychose tão receptiva das convalescências.

A esta obra de tão carinhosa religião, de tão delicada poesia, não ha ninguem que, sem grande sacrificio, se não possa associar. Quem é que não tem entre os seus velhos papéis inteiros algum antigo romance lido, algum esquecido volume de versos, de contos ou de historias, algum numero truncado de um magazine, ou de uma revista illustrada, uma gravura, uma lithographia, uma estampa solta, que lhe é inutil, e com a qual pode ir ajudar a restituir a alegria a um triste, a consolação a um desgurado, a esperança a um Deserdido? E a que autor não será doce e não perceberá proprio o fazer abençoar o primeiro exemplar de cada um dos seus livros pela gratidão de um intello?

Não me cabendo abrir á christandade a porta santa da basilica vaticana para inauguração do jubileo do seculo, eu glorio-me de abrir n'essa pagina á caridade dos meus leitores, dos meus amigos, dos meus confrades nas letras, a porta, não menos santa talvez, da *Bibliotheca dos Convalescentes* instituida pela Irmandade das Senhoras Viúvas de Lisboa, — não batendo illustriamente a essa porta com o martello de ouro de um pontifice, mas com a debil penna d'ago do mais humilde scriba.

RAMALHO ORTIGÃO.



# A cidade de Santos (Brasil)

**E**STAMOS na presença de uma das mais laboriosas e importantes cidades do Brasil. Cerca de 80 kilometros a separar de S. Paulo, a formosa capital do Estado, e com ella communicada pela estrada de ferro de Santos a Jundiáhy, ao centro da qual se eleva a serra do Cubatão, alcantilada, pittoresca, grandiosa.

A Santos, fundada em 1545, apenas em 1839 foi concedido o titulo de cidade. E bem cabido foi, porque em Santos se concentra tudo o que constitue uma cidade moderna. Excellentes edificios publicos como a alfandega, a camara, o arsenal, o hospital, que é um dos melhores do Estado, e que a Misericordia sustenta e o da Beneficencia portugueza, theatros, egrejas magnificas como a matriz dedicada a Nossa Senhora do Rosario, e residencias particulares que provam ao mesmo tempo o gosto e a fortuna dos proprietarios. Mas o que acima de tudo valorisa a cidade é o seu magnifico porto, a 10 kilometros da bahia de O. Abre directamente para o Oceano abrangendo uma area de 36 kilometros quadrados.

Todos os annos centenas de navios nacionaes e estrangeiros visitam o porto de Santos, cuja importancia tem augmentado na proporção do seu vasto movimento commercial. Além dos portos brasileiros dá communicação directa e a vapor com os portos europeus de Lisboa, Liverpool, Bordoës, Londres, Havre, Hamburgo, Bremen e ainda outros.

Para se fazer ideia do florescimento

commercial que o porto de Santos attingiu, bastaria desfiar algarismos por esta columna. Seria sufficiente, para não occupar espaço com longas estatisticas, dizer a

cifra attingida em alguns annos com a exportação e reexportação de generos, em que o primeiro logar é occupado pelo café. Vem depois o algodão, o tabaco e outros artigos. A produção do café nas varias regiões do

Estado era em tal quantidade, que muito contribuiu para a baixa de preço que elle tem ultimamente soffrido. Essa razão e a da concorrência de fóra do Brasil bastam a explicar a crescente e triste depreciação no valor de um genero que tem constituido a maior riqueza do Brasil.

Tão importante commercio torna a praça de Santos uma das mais consideradas e valiosas. A sua associação commercial, os seus varios estabelecimentos bancarios estrangeiros e nacionaes, as suas vastas casas de commissões de algodão e de café, de negociantes de importação e exportação, as suas agencias de seguros e os seus muitos estabelecimentos de commercio a retalho, tudo isso, em resumo, dá a Santos fóros de uma grande cidade, que pelo trabalho se tem elevado e desenvolvido e na qual tem representantes consulares, senão todos, quasi todos os Estados europeus e americanos. Além de ser a segunda cidade do Estado de S. Paulo, e o seu império commercial, Santos orgulha-se tambem de ser a patria de homens illustres que altamente contribuíram para a gloria do Brasil. O padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, celebre inventor do aerostato, nasceu em Santos, que tambem foi berço do mallogrado poeta Xavier da Silveira, do notavel fundador do Instituto Historico do Brasil, o visconde de S. Leopoldo, de Fr. Gaspar da Madre de Deus, dos tres Andradas e de tantos outros cujos nomes são o orgulho da laboriosa cidade brasileira.



# DANSA



A dança revela um caracter universalista. Aparece em todos os tempos, floresce em todas as latitudes. Primordialmente, servia para exprimir todos os sentimentos humanos, nomeadamente os sentimentos mais dolorosos. Começou por ser um rito e uma cerimonia, transmutando-se n'um divertimento sujeito á paleta e ao compasso dos tratos choreographicos, n'um jogo de elegancias subordinado ao ritmo das gestos e á harmonia das attitudes.

A dança é um poema rythmado, que nos colloca deante dos olhos, em quadros fugitivos, á belleza plastica na perfeição das formas e na exatidão dos movimentos. Assim, um passo de dança bem executado egualia o max póido soneto.

E' uma linguagem comprehendida por barbaros e policitados. A musica das suas poses tem inscriptiveis melodias; é uma mimica luminosa excedo á precisão da palætra; com simples linhas corporaes pateatias symbolos, synthetisa sonhos, propaga emoções. Ignoramos em virtude de que sortilegio ella faz fallar o silencio.

Quando John Davis penetrou no estreito, que temo o seu nome, foi acolhido quasi hostilmente pelos aborigenes do littoral. O navegador ordenou então aos seus instrumentistas que tocassem e aos seus marinheiros que dançassem. Os nativos do pais, cegos das danças de semelhantes homens, desceram os supercilios e acostaram as pírgas aos navios, estabelecendo-se logo relações amiaosas entre elles e a marinhagem.

Nos povos impressivos, a dança fôo antes como manifestação das impressões collectivas. Desenvolvero-se em danças religiosas, guerreiras, de amor, etc. Entre os Pelles-Vermelhas é uma occupação grave, inherente aos actos serios da vida. Chateaubriand, *globe-trotter* viajando na America, teve azo de visitar uma tribo d'aquelles indios, e, qual não seria o seu pasmo, quando tapou no meio d'elles o pobre Violet, um pído mestre de dança que, estando muito de quebrá com o dinheiro, partiu um bello dia para o continente que Colombo teve a boa fé de descobrir. O acaso fez-lhe encontrar citros indios, cujo aspecto rebarbativo e rechinar de dentes minazes lhe causou calafrios pela epiphania. O dançarino, porém, mantevo-se imperturbavel, como se de zanguear na sua mizencia rubeca, e, pondo de manifesto a extra intelligencia das suas pernas, esboçou um passo de minuetto. A scena fuzza, grata ao intermédio inesperado, concluiu-se ao respectivo acampamento, e Violet converteo-se em professor da tribo, a qual já ballava conjuntamente a gaita quando o sublime autor do *Genio do Christianismo* a visitou.

Na dança ha uma linguagem que se refere á guerra e ás crises sociais anthropologicas. São uma ironia insultante arrojada ás faces dos captivos que vão morrer. Na Nova-Zelandia, os bailarões agitam as armas de combate, entoando cantigas exóticas.

A Africa negra é possessora do persono dançante. Parece que o preto se embriaga tão facilmente com a sua choreographia fulgurante como se etherica com o alcohol. O *ludon*, da procedencia congoleza, mas que se affirmo em Portugal, careva nas alas do tempo de Voltaire; e o *fandun chorado* attinge o requinte da affectação indocente.

*Em banheira marchada,  
Os lípicos deos promptos,  
Louro peralho adomado  
Foi depois fazer que pedras  
O danc ludun chorado.*

Os soldados da Legião Portuguesa ao serviço da França tiveram a honra de dançar o *ludon* ante a imperatriz Josephina, junto ao castello imperial de Marras, em Bayona.

O caracter leucico das danças chamadas de amor é-lhes communicado pelos movimentos cadencados de quadris das bailarões. O fandango, em que as Carmens lousreiras se roqueiram em flexuras suggestivas, póde-se categorisar assim. Por isso os andaluzes, querendo gahar alguma patria notavel pelo menio, algumas d'essas mulheres a cujo sangue as ruas pagãs de Granada legaram a sua chama, dizem gentilmente: *Flora senela miel ou las cadenas*. As bailarinas hespanholas celebraram-se na villa Roma. Vemos Marcial encenando as dançarias da *juocosa Græcia*, Plinio, o meço, asseverando que não havia festa completa sem bailarinas andaluzas, Petronio, o artilho das elegancias, refulberando as filhas de Cadix.

Quer-nos parecer que as danças virgaladas pela linguagem veloz da castanhola, o archaismo sumptuoso da toirada e a politica são os unicos sportismos que restam á Hespanha; agora, neste momento supremo da sua historia, em que as correntes oceánicas lhe arrubram as esplendidas d'outras oras, os ferragos d'esse incano manto bordado a ouro e políario, que Isabel a Catholica e Carlos V. tallaram no mappa geographico, e que, debruçado de archipilagos e frangido pela vaga de todos os mares, pendia de essencial até ás danças Americanas.

Na India, a dança lasciva tornou-se um accessorio liturgico. Ahí, a bayadeira, envolta nas gazes transparentes como o vôo da aurore, os braços e o collo adornados de perolas, balza nos pagodes, quasi immaterial como uma apparição, parecendo escorar a luz do jezo, fazendo palpitar a rosea naveia em torno do seu corpo gracil, enquanto as lindas, magras, de olhos agudos como púncas, a contemplan extaticas.

Entramos no mundo classico em grego-romano. Os gregos exercitaram todas as formas de actividade artistica, sem mesmo lhes escapar aquella que era servo de assumpto. Das danças heclicas nas festas Dionysiacas letraram a tragodia e a comedia; as virgens tociam suas chorras religiosas nos intervallos dos templos; as casas educadoras das letas Lyonicas ensinavam as danças aphyroliacicas, os *moineiros justos* de que fallia Horacio; as nymphas abandonavam o rumore crystal para virem ballar nos bosques sagrados, a coberto do zimbório azul ferrete das notas fremeantes de estrellas, que, mordidas pela inveja, suspudiavam suas celestias parabolicas...

Em Roma, os padres safos, imitadas por Numa, esocstavam uma dança magica e guerreira frente ao altar de Marte. Os nomes de *Bathylo* e *Pylade* refugioem a letras de diamanto nos annos da arte choreographica. Como remate dos lanques orgiasticos costumavam vir as bailarinas a fim de proporcionar as cançari-das viras das suas ballades; as asyrias hebricas, as alexandrinhas morlidas e elegicas, as gallas, com seus requieiros lyricos, com seus passos mysteriosos como o vôo das estirges na breznada nocturna.

Chegando á Elade-Media, a dança reveste um aspecto fúnebre. E a dança macabra, immortalada por Heibeln e digna de um carnaval de epiphonico, é o grito dos espiritos invocando uma equalidade que só a Morte lhe podia outorgar.





Depara-se nos a dansa imponente, escurva da etiqueta, na corte austera de Luiz XIII. A pavana, lenta, cerimoniaosa, era a predilecta. De cadencias doces, dançada a dois tempos, tem algo de recolhido, de melancholico, á guiza dos retratos heraldicos nas galerias taciturnas dos castellos medievais. Margarida de Valois executava-a primorosamente. Furetiere conta que os gentis-homens dançavam a pavana solemne com capa e espada.



religião e consagrrou lhe um templo — a Opera.

O duque de Orleans foi, certa vez, a um baile mascarado com o seu fiel Dubois, a quem pediu que o tratasse familiarmente para não ser reconhecido. Dubois levou a familiaridade até o apresentar com alguns pontapés.  
— Meu amigo, diz-lhe o Regente, tu disfarças-me em demasia!

Vestris, o bailarim favorito do successo, pereceu victima de... um annuncio jornalístico. Estava doente. Pede uma gazeta e lê estas linhas ignominiosas da sua divina posição de *diou de la danse*, adorado em palcos, telonios e salões: «Precisa-se de um professor de dansa em Calcuttá. E' inutil apresentar-se não sendo pedreiro.» Vestris, pungido na sua vaidade hypertrophiada, cahiu de cama e morreu.

Com a abdicção do minuete vem a contradansa (de *country dance*) impôr a lei á sociedade que revolucina na photographia lampejante do *smartismo* até 1840. As contradansas officiaes são um dos percalços de officio na vida dos diplomatas e dos cortezãos.

D. Juan Valera, o espirituoso ministro hespanhol, dizia a Pinheiro Chagas que o que mais o incomodava no exercicio do seu cargo eram... *las contradanzas officiaes*. E acrescentava que Prim atirava entrar n'um reducto inimigo de n'uma contradansa official.

Quando a monarchia falliu e a Revolução veio applicar ao organismo combalido da França o que Gladstone chamava «os ferruginosos das sociedades envelhecidas», os parisienses collocaram sobre as ruinas da Bastilha o seguinte distico:  *Ici l'on danse*. A carinhola monopolisa as ruas e a scena.

*Dansons la carmagnole,  
Il n'y a pas de pain chez nous!*

Esenta-se o ribombar da artilheria e a estralada da mosquetaria. Batem-se na fronteira. Mas a França baila sempre. Baila no Terror, baila no Thermidor, ainda baila mais no Directorio. Baila para se vingar, baila para se esquecer. Ao ca-

O minuete, originario do Poitou e inventado por um mestre de dansa de Poitiers em 1650, entrou em Paris em 1653. Foi posto em moda por Catharina de Médicis, e deu nascimento á gavota, que constitue apenas uma variante. Manteve seu prestigio no decurso de todo o seculo XVIII, seculo em que tudo obedece á Moda — essa homenagem que a frivolidade rende ao progresso. Os espelhos de Versailles ainda se devem recordar do tempo em que o clarão molle das velas accendia mil reflexos nos crystaes dos lustres peneados dos tectos como um delirante systema solar. Um oceano de espaduas brancas como sal e de riquezas lapidarias ondulava de manso, e o vago aroma dos polvilhos de Legros fluctuava no ambiente, enquanto os violinos sublinhavam o flagrante delicto das reverencias nos minuets de Lull...



A PAVANA

Os minuets de Exaudet e de Fischer gozaram de grande voga. Grétry compoz o minuete da Rainha, mui querido de Maria Antonietta. São finissimos o do *Samsão* de Haendel e o do *D. João de Mozart*; o que abre o 5.º acto dos *Huguenotes* é brilhante e pomposo. Quantas coisas n'um minuete! exclamava o professor Marceel.

A ultima vez que se dansou o minuete na côrte portugueza foi no reinado de D. João VI, em 1825, no paço de Queluz.

Luiz XIV prestou um caracter de nobreza real á choreographia. No seu reinado, o mestre de baile desempenha um papel capitalissimo. Moliere accentua bem o facto no *Bourgeois gentilhomme*, e Beaumarchais põe esta mordaz antillise na bocca do Figaro: *Il fallait un calculateur, ce fut un danseur qui l'obtint*.

Então, todas as attitúdes dos mundanos eram regradas como um bailado. Havia salões e tocadores onde, ao entrar, se faziam tres misuras; n'outros só se penetrava fazendo um *entrechat*.

A dansa ascende aos intermundios da poesia nos tempos da Regencia, de Luiz XV e de Luiz XVI. Tanto monta dizer que é a idade aurea da gavota fôfa e do minuete alado,



O MINUETE

hir da noite, Paris enche-se de luz e de ruídos dos mil e cento bailes publicos.

*Zigue, zague, dondon,  
Un pas de rigodon!*

Pelo seu brilhantismo exterior e pela superabundância da sua corrupção esplendida, o Directorio foi uma das epochas extraordinarias da humanidade moderna. Se seus principios eram republicanos, seus costumes eram imperiaes. A mulher soberanisa-se, cinge o diadema em plena democracia, governa despoticamente... em nome da liberdade — essa velha guitarra, segundo a formula pittoresca de Gambetta. Como aos ingleses em Fontenoy, pede-se-lhe que atire primeiro. E ella abre o fogo das elegancias. Preside á renovação do gosto como á seleçõ dos generaes, restaura o poderio da chimica culposa dos perfumistas, magnetisa a opiniõ publica, decreta a gloria e o ostracismo.

Napoleão I não sacrificava nos altares de Terpsychore. Mas os seus marcehaes, após victórias epicas, en trajavam o apparatus uniforme de gala para irem fazer *chassé-croisé* nas Tulherias com as nervosas triumphadoras no conflicto vital das elegancias. O segundo Imperio foi um *cotillon* diabolico marcado por Offenbach. Os bailes da Imperatriz produziam o vágado do deslumbramento, e as *redontes* da princeza de Metternich rebrilhavam no esmalte de uma distincão inedita. Até algumas domadoras de corações, que, cumulativamente, tociam os fios multiplos das grandes intrigas internacionaes ou serviam de perquisitivas agentes das embaixadas e das chancellarias, davam bailes faustosos.

A batuta de Musard representou o pharol por onde se orientaram os entusiastas da choreographia realista. A quadrilla excentrica da cadeira quebrada, na qual, em determinado momento, se partia um d'esses objectos na orchestra, deve-se ao seu estro volcanico.

Não nos faremos cargo de descrever a dansa theatraal, em que as sylphides dos corpos de baile deslizam rapidas como sombras elyseas á claridade opalina das projecções electricas e sob a fustilaria binocular dos espectadores. Contudo, sempre diremos que foi magestosa com Lafontaine, classica e de grandes ares com Sallé, mais vivaz e solerte com Camargo, viciosa e *chercheuse d'esprit* com Guimard, etherea, lamartiniana com Taglioni, romantica e apaixonada com Fanny Elssler, um tanto fria, mas de linha severa com Beaugrand, cosmopolita e exagerada com Granzow, Fiocre e Sangalli, d'uma graciosidade impecavel com Emma Livry. Esta arte soffre, portanto, a influencia do meio, e manifesta-se parallelamente aos estados de alma das epochas que atravessa.

Cumpra indicar a quem, de direito, pertence a honra de ter esboçado as regras da arte choreographica incipiente. O primeiro tratado choreographico deve-se á penna ecclesiastica de Jehan Tabourot, conego de Langres. Publicou-o em 1588 sob o pseudonymo anagrammatico de Thoinot Arbeau, e intitulava-se «Orchesographia em forma de dialogo, mediante a qual todos podem aprender o honesto exercicio da dansa.» A um religioso, pois, devemos os primitivos preeitos escriptos

sobre o choreographismo, cuja pratica, todavia, o concilio Tridentino interdissse aos canonicos.

Chegamos á dansa contemporanea. O que se lhe nota logo é o seu caracter de cosmopolitismo, o seu espirito de internacionalidade. A valsa vem da Alemanha, a polka, a mazurka e o galope da Hungria, a redova, a eracoviana e a schottisch da Polonia, os lanceiros, o *boston* e o *pas-de-quatre* dos salões britannicos, a valsa americana dos salões *yankees*.

A valsa não tem a origem tedesca assignalada. Promana da *Volta*, que veio da Provença e deliciau a corte dos Valois. No seculo XIV passou á Alemanha, hoje seu paiz adoptivo, e, em 1790, a França novamente a recebeu, depois de um eclipse secular. Portanto, quando os conspiradores de *perruque blonde* et *collet noir* e as *maravillosas* valsam na *Filha da Senhora Angot* ao som da musica de Lecocq:

*Valsez, valsez,  
Qu'à la valse on se lie,  
Elle exalte, elle enivre  
Les cœurs passionnés...*

nada mais fazem que continuar a tradiçõ da valsa, que, como a bayoneta, é uma arma franceza.

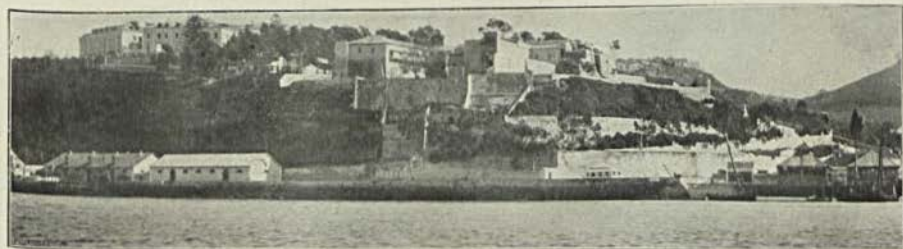
Na Alemanha, a valsa é *plus que reine* entre as dansas. As phalanges dos valsistas wertherisantes manobram com tanta estrategia como as legiões dos guerreiros teutonicos. E assim devia ser, porque a balança dos destinos germanicos pende da mão de um soberano militar e bailador como David.

Altezas do Bemol e do Sustenido teem pago seu tributo á valsa. Beethoven compoz seis valsas arrebatadoras, e Schubert, tambem deu a sua quota-parte a esta classe de composições musicas. Hummel fez a valsa da Rainha da Prussia, e Weber escreveu a de Freyschütz e a *Invitation à la valse*, que é o seu derradeiro pensamento, o ultimo suspiro de um moribundo. A graça *neurasthenica* das valsas de Chopin é interpretada por todos os teclados do planeta; as valsas de Burgmuller, de Fahrbach e de Waldteufel abrem as azas sonoras nos bailes e nos concertos mais *collet-monté* dos dois hemispherios terrestres; as valsas de Strauss, como a bandeira tricolor, fizeram a volta do mundo.

Não ha nada mais melancolico do que as notas esmorçadas de uma valsa longuica, que vem segredar-nos aos ouvidos as felicidades e as alegrias de outros tempos. Evoca-se uma florescencia de visões amaviosas, um cõro tremendo de sonhos azues, lembra-se a imagem de alguem que girava nos turbilhões indescriptivos da dansa, que punha nos espelhos uma rotaçõ estonteadora de cabecinhas frisadas a ferro, decotes caridosos, braços *haut-gantés* de Suecia, manchas pretas de casacas e bigodes moscovitas.

A cançonetista Thereza dizia que a cançõ era, por vezes, a patria. Tambem podemos dizer que a valsa é, por vezes, a mocidade que volta, nostalgica, lacrimosa, como se a orchestra ou o piano lamentassem as bellas coisas d'outra ora, os bonitos dias passados, os perfumes extinctos, as galanterias murchas...

PINTO DE CARVALHO (*Tinop*).



LAZARETO DE LISBOA — Vista geral (lado norte).



# O Lazareto de Lisboa



Dr. Homem de Vasconcellos  
Inspector

O tão falado balaarte da febre amarella, que o viajante evita como um escolho, que o commercio detesta como um espantinho á clientella, mercê da Peste está de novo em foco.

O Lazareto de Lisboa é, fronteiro quasi ao Bom Successo, na outra margem do rio, um estendal de edificios amarellejando entre verduras, fazendo subir muros pela montanha acima, com seu desenho de muralhas de fosso, e deixando nas edificações do alto, entrar por muitas janellas o ar, o que lhe dá um feitiço suspeito

de hospital. O conjunto é pois um mixto de forte e hospital e não passa a valer de um *Hotel-Prisão*.

De Porto Brandão á antiga fortaleza de S. Sebastião da Torre Velha, marinhã construção de desinfecção, vigia e hospedagem.

Em baixo uma doca que margina um caes por sua vez bordado dos armazens alfandegarios. A doca é um tanto desprotegida — talvez mal abrigada das nortadas fortes — mas com pensadoramente os armazens são ligados por portões de ferro á prova dos desmorreamentos cadaguiros.

No caes uma barraquta de vigia para um guarda de saude em permanente alerta.

A seguir ás arrecadações d'alfandega, e por detraz d'ellas, ao nivel do caes, entre rochas a pique e a subida ás *quarentenas* — estão os chamados *armazens*. — Vastos recintos fechados onde se penduram roupas e abrem bagagens, destinadas a beneficiação.

As beneficiações são feitas conforme a viagem e suspeição que incutam os trapitos. Ou se beneficiam pelo ar por meio de ventoinhas mecanicas, ou pelo calor nas estufas Geneste & Herscher, ou se desinfectam pelo acido sulfuroso.

A desinfecção no Lazareto é desde poucos annos relativamente

bem montada. O serviço, sobretudo, expedito. Dos seus effectos prophylacticos fala bem alto o ter cumprido o seu dever matando como lhe compete as bacteriaceas inimigas. E da rapidez com que tal trabalho é levado a cabo póde avaliar-se referindo que dias ha em que no praso limitadissimo de cinco ou seis horas são descarregadas, despejadas, desinfectadas pela alfandega, e arromadas nos seus respectivos involucros, bagagens de trezentos e quatrocentos passageiros.

A subida ás quarentenas é uma subida ao céu, por uma escada banaisinha de mosaico. E é uma subida a um céu d'onde se abraça n'um golpe de vista inolvidavel o perfil de Lisboa recortado n'um céu de gaze, e a espelhar-se n'um mar de aço polido. O panorama é de uma vastidão que alarga o arcabouço n'um grande sorvo d'ar, e que ententece o olhar n'uma vibração sem fim de luz.

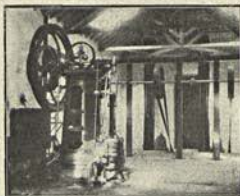
No alto — o *hospital* — enfermaria de isolamento com destino a

enfermos suspeitos, e a *capella de S. Sebastião*, o que constitue o Lazareto velho, com barracas annexas de madeira e argamassa, para os serviços dos barcos, em contacto com os paquetes sujeitos, cumprirem tambem sua quarentena-sinha.

As *quarentenas* estão dispostas n'uma edificação em semi-circulo, envolvidas por um carreiro estreito cuja denominação de caminho da *ronda* está de sobra dizendo para que serve... nem mais nem menos do que para fliar sem contemplação alguma os im-

pacientes a quem a vista continua da linda Lisboa tente a fugir do carcere...

A edificação semi-circular está dividida em sectores, cada sector constitue uma quarentena, cada quarentena é como se fosse um hotel independente e isolado. E hotel para preços varios segundo a classe... mas sem que se possa dizer para preços medicos...



Casa das mullinhas

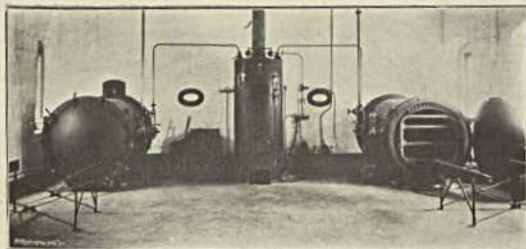


Vista geral do Lazareto (lado ponte)



Vista geral das quarentenas





Estufas Geneste &amp; Herscher

Muita luz, muito ar, com livre entrada por janelas sem conto, quartos de dormir de hotel das Caldas, casas de jantar de mogno, com seu mobiliário da cadeirinha austriaca e do aparador de duas pernas esculpidas. Isto em 1.ª classe, que os aparadores de 2.ª não tem pernas.

A cada quarentena está anexo um pateo exterior mais ou menos ajardinado. D'esse pateo como unica distração o quarentenário faz a vulgarissima operação de vêr, sempre que o queira...

Lisboa por um oculo... ou por um binoculo... á sua escolha! Assim elle po-



Sala de desinfecção de bagagens

desse escolher a carne para os bifés!

Ao centro do circulo em que foram arrumadas as quarentenas está a *cosinha* e no piso superior o *parlatorio*.

A *cosinha* é monumento celebre. Conta-se que não ha na Península fabrica de comida que a eguale. Póde alimentar por dia mil pessoas. E só o fogão monstro, que lhe é alma, custoa o melhor de mil libras esterlinas. As relações da *cosinha* com os isolados são feitas por meio do habitual systema de rodas.

O *parlatorio* e a sala de visitas estão n'um semi-circulo paralelo ao das quarentenas e tem 21 janelas sobre um espaço para onde deitam outras tantas aberturas das quarentenas. E assim falam os quarentenários ás pessoas das suas relações... e annexos que os visitem. Ao meio do *parlatorio* a capella de Nossa Senhora do Bom Sucesso para a missa dos domingos e dias sanctificados ser ouvida a um tempo por todos os quarentenários, atravez das quarenta e tantas janelas que a de-frontam.

Cá fóra depois, a lavanderia, o quartel para o destacamento, a capoeira das gallinhas. A lavanderia é de habil construção. O quartel dizem-n'ó pouco á larga para cem praças. A capoeira é, como não pôde deixar de ser, abundantemente fornida.

Subindo mais encontra-se uma estação de incendios, com material para caso de sinistro. E

ao pé do céu então, no alto, o cemiterio com a capella caiada, e cruzeiras engrinaldadas ao rez do solo.

É o cemiterio dos que morrem com molestias suspeitas. E assim se pôde bem dizer que em Lisboa se morre de febre amarella... ou que é melhor

do que ter que solçar porque se rice com febre amarella. É pois esse cemiterio pequeno e escarolado o ultimo repouso de infelizes a quem as saudades da sua terra aqui trouxeram já febricitantes ou em via d'isso e que alli descansam sob o sussurro dos ventos seus amigos, onde ha soluços de inverno... como saudades, e ramorejos de verão... como suspiros.

D'esse cemiterio o panorama, emfim, abraça-se na sua enorme

Pery de Linde  
Chefe da Delegação d'Alfandega

Armazens

vastidão. De Cascaes ao mar da palha, em dois lances d'olhos vê-se tudo. É uma vista em balão, está-se suspenso, e a cada momento como se sente fugir o terreno e por sobre o crenulado de Lisboa e para além do horrão escuro da serra da Pena, ha a supposição que mais se vae vêr... e mais... e mais.

Recursos certos de hygiene individual, possibilidade inilludível de seguir qualquer caso, pollicando as provaveis pessoas-vehiculos, limpando-as como se limpa um canastro vindimo, tornarão de certo esse casarão mais dia menos dia em santa arrecadação de frades-prophylaticos, visto que para quartel da municipal está longe de povoações pensantes e buliçosas e attendendo mais a que o incremento religioso, tratando de limpar as almas... não achará mau desinfectal-as em estufas Geneste & Herscher... e encontrará já prompta a *cosinha* de mil libras!



Sala de jantar





Ramalho Ortigão

**A**s leitores do *Brasil-Portugal* damos a excellente nova de que o sr. Ramalho Ortigão, escriptor glorioso, critico eminente, poderoso estylista e de hoje em diante redactor effectivo d'esta illustração.

Assim, o favor publico que, com um exito excepcional, na nossa terra, tem acolhido a arrojada empreza a que nos abalancámos, permite-nos, de numero para numero, introduzir melhoramentos e offerrecer innovações, que tornam esse exito successivamente maior.

Temos o orgulho de poder affirmar que vae em muito excedido o programma com que nos apresentámos, que temos dado um grande impulso ás artes graphicas do paiz, que pela photo-gravura, pela photo-zincographia, e pela illustração propriamente artistica, temos procurado, quanto em nossas forcas cabe, sem nos pouparmos a sacrificios de qualquer ordem, competir com as mais conceididas e afamadas revistas europeias.

A collaboração litteraria não nos tem preoccupado menos, e os leitores do *Brasil-Portugal* têm visto honrar estas columnas, com escriptos expressamente destinados a ellas, os nomes illustres de Thomaz Ribeiro, Eduardo Vidal, conde de Monaraz, arcebispo d'Evora, bispo de Lamego, Olavo Bilac, Anselmo de Andrade, barão de Marajó, Gomes Leal, Pinto de Carvalho (Tinop), Valentim de Magalhães, Moura Cabral, Miguel Bombarda, João Saraiva, Fernandes Costa, Marceas Ferreira, Adrião de Seixas, Mattoso dos Santos, Manoel de Arriga, Anselmo Vieira, Euclides Dias, Orlando Teixeira, Bello Moraes, Raul Brandão, Julio Brandão, Abel Botelho, Antonio Ennes, Antonio Arroyo, Lopes de Mendonca, Cunha Bellem, Alfredo da Cunha, visconde de Faro, e Oliveira Freitas Branco, Affonso Gayo, Arnaldo Fonseca, Senna Frei-

tas, Lambertini Pinto, João Grave, Guilherme Gama e muitos outros que já constituem uma vasta galeria.

Esta confusão não estava ainda preenchida. E confessamos o desejo vehemennissimo, que de ha muito sentiamos, de honrar as paginas d'esta Revista com a collaboração effectiva de Ramalho Ortigão. Motivos á nossa vontade superiores tolheram-nos de ha mais tempo realizar esse desejo. Mas é por isso mesmo infinito o prazer com que annunciamos a tantos milhares de pessoas que hoje nos leem que o auctor das *Farpas*, da *Hollanda*, do *Cullo da Arte em Portugal*, e de tantas paginas celebradas, collaborará de hoje em diante em todos os numeros da Revista firmando as Chronicas.

Ramalho Ortigão, que teve uma vida litteraria tão gloriosa como accidentada, um dos mais discutidos, um dos mais combatidos, e tambem um dos mais invejados entre os nossos grandes escriptores, como que, de ha bastantes annos, repousava d'essa labuta espirital, d'esse combate formidavel, em que conquistára tão assignaladas victorias.

Comprehendem que não é por isso menos vivo o jubilo de o vermos hoje voltar ás suas queridas letras, nem menor o contentamento, que nos desvanecce, de ter o illustre critico escolhido o *Brasil-Portugal* para novo campo da sua actividade litteraria. O serviço que prestamos assim ao espirito culto dos que nos leem está na razão do gentil acolhimento que lhes devemos. E visto estarmos em maré de boas novas, não fecharemos este periodo sem ao de leve annunciar-mos que outra esperanza nos anima, e para outro desejo procuramos realisação: o de ligar ao nome de Ramalho Ortigão, n'estas mesmas paginas, outro nome, não menos querido, não menos grande, não menos glorioso.



© Plutarco Jr.

## O PRIMEIRO NOME



ão pôde haver, segundo penso, occupação mais interessante nem mais delicado trabalho para um espirito de eleição do que observar o vagaroso e gradual desenvolvimento dos sentidos e das faculdades de uma creança.

O que primeiro accorda é a vista. Os olhinhos, a principio deslumbrados pela claridade, vão se habituando á luz, procuram-na com avidéz e deixam-se ficar extaticamente fitos na chamma da vela, no clarão do globo da lampada ou em uma restea de sol.

Entram depois as pelas côres e acompanham com attenção insistente os movimentos de qualquer trapo azul ou vermelho, fluctuando-lhe sobre o berço.

Accorda em seguida o ouvido, que vai se acostumando ás vozes amigas e servindo de guia aos olhos, que se voltam curiosos, indecisos, para um e outro lado, buscando a pessoa cuja voz, carinhosa ou jovial, se dirige á creança.

O tacto é de todos os sentidos o que mais difficilmente se desenvolve. As mãosinhas, polpudas e tenras, de dedos curtos e tardos, esforçam-se com uma sofreguidão de encantadora graça por apprehender e levar á bocca os objectos postos á vista. Quando os alcançam, por fim, não podem agarral os, e, por isso, executam movimentos desencontrados, tontos, por assim dizer, e que afastam a coisa appetecida.

Sente-se, vê-se na creança a sua progressiva e methodica integração na obra da Natureza, flora mysteriosa e admiravel; observa-se o gradativo e curioso desabrochar de todas as petalas da melindrosa flor humana, ao sol da Vida, para preencher o seu destino animal e social sobre a terra.

Como em uma orchestra, de que partissem, destacadamente a principio, as notas dos diversos instrumentos, as quaes só depois de alguns instantes se combinassem para formar a harmonia, assim na creança despertam uns após outros os sentidos, as faculdades começam de agir e formar-se, e só depois de muitos mezes é que a vida animal se apresenta simultanea e harmonica.

Começa então a symphonia da existencia, que, vezes ha, flue até á derradeira nota sem uma desafinação; mas no maior numero dellas,—al de nós!—ou é interrompida de chofre pelo *staccato* brutal e definitivo da morte, ou transmuda-se em lamentavel gargalhada.

Tudo o que ahí fica, nessas linhas, e o mais que se lhe preñde e segue naturalmente, pensava o pae da pequenita Lavinia quando, contemplando-a no collo da mãe, no berço, ou na cadeirinha alta da mesa, observava o seu crescimento gradual e incessante, e via-a ir pouco a pouco enchendo-se do movimento, do interesse da vida, e a contemplava, menos com olhos de pae que de physiologista, entretida horas e horas a brincar com um carretel de linha ou um *cajuana* de borracha, toda aforçada por agarral-o e levar-o á bocca, arregalando os olhinhos pretos, sacudindo as pernôcas, batendo com as mãos minusculas, numa afflicção cheia de graça e encanto.

Mas o que mais o interessava era o chalar da filhinha, rescendendo a leite e rosas, d'entre as espumas das suas rendas e folhos; o papagueio incoherente e inintelligivel, cheio de *brrrr... e bis...* e toda especie de monosyllabos labiaes, muito abertos; — uma loguicadela ociosa, cortada de risadinhas sem dentes, deliciosas de candidez e frescura, e acompanhada de um continuo fio de labia escorrendo das gengivas rubras e doloridas, onde apontavam os dois primeiros dentículos.

Era a fala, que, a seu turno, apparecia tambem.

Lavinia ia falar!

E o pae aprava o ouvido, á espera, e a mãe, igualmente, não perdia um só d'aquelles trinos encantadores, tambem á espera,—aquelle que a pequenita dissesse *papá*, esta que ella articulasse *mamá*.

Travara-se entre elles uma disputa zelosa, que, por fim, degenerou em aposta.

— Por mim é que ella ha de chamar primeiro! exclamava a mãe, beijando a pequerrucha

— Pois não! *Papá* é o primeiro nome que ella ha de pronunciar; retorquia o pae, fazendo-lhe festinhas nas bochechas rosadas com as pontas dos dedos.

E Lavinia, indifferente de todo aquéllas luctas de amor proprio paterno e materno, continuava tacteando, rindo, babando-se, tartamudeando cristalinamente: *Dá, dá, dá...*

Manda a verdade confessar que quando qualquer d'elles estava sósinho com a filha, punha-se a ensinar-lhe as duas curtas syllabas que anciava ouvir d'aquella boquinha angelica; mas é ocioso explicar que marido e mulher occultavam mutuamente aquella trapaça innocente.

Assim corriam os dias, até que lá veio um em que a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Lavinia, de manhã, estando deitada, de barriguinha e pernas ao léu, muito occupada em mordicar com as pontas mal descobertas dos seus *patinhos* os dedos do pé direito, interrompeu esse importante trabalho, abriu para os rostos dos paes, debruçados sobre o seu berço, um grande riso gostosissimo, d'esses que derramam ondas de mel no coração da gente, e dignou-se de dizer claramente, pausadamente, escandalosamente: — *papá!*

Imagine-se a scena: o desapontamento da mamã, a alegria do papá! Este desatou a valsar pelo quarto, em chabre e chinellas, com a toalha passada ao pescoco como uma estola, e cantarolando o "*Caballero de gracia me llama...*"

Mas a mãe não accitou o facto como provado e impugnou:

— Não valeu; não foi *papá*, foi *dadá* que ella disse.

Mas a pequenita, rindo-se para ella, repetiu: *Papá!*

Já não havia que replicar nem que oppor. O pae, louco de alegria, estendeu os braços ao anjinho para tomal-o ao collo, mas elle resmungou, virou o corpinho e deu os braços á mãe, que o tomou logo ao seio, radiosa do triumpho.

O pae enfiou com a historia, mas disfarçou e disse, impando de apparente orgulho:

— Não quero saber, foi o meu nome o que ella primeiro pronunciou!

— Que me importa —olveu a mãe— se foi para mim o seu primeiro abraço!

E para recompensar a sua queridinha de tão profundo gozo, poz-lhe na bocca sequiosa o seio branco, redondo, exuberante, que, ao saltar do corpete, borrihou-lhe as bochechas rosadas com um esguicho de leite alvissimo e tepido.

O pae, de olhos humidos, esteve um momento indeciso; mas, por fim, tomou um expediente heroico: estalou um beijo na face da pequenita e pousou outro, demorado e agradecido, na fronte da esposa.

Em verdade, era aquella a unica maneira um pouco airosa de se mostrar digno da victoria alcançada.



# Arte, litteratura, personalidades, festas e edificios religiosos

## Festa da Immaculada Conceição

Na Sé Patriarchal de Lisboa

São imponentissimas todas as ceremonias do culto catholico. A pompa, o apparato religioso com que a Igreja recorda os seus augustos mysterios, em plena harmonia com a sublimidade e origem divina da nossa creença. Os ritos tornam mais comprehensíveis os mysterios, mais agradaveis e apreciaveis os Templos, inspiram mais acatamento á magestade do Omnipotente, commovem-nos mais profundamente, prendem-nos mais intimamente á religião. O que seria a religião sem culto externo? Uma creença morta. Crer em Deus sem lhe render culto é impossível. Se a Igreja não tivesse estabelecido ritual proprio, era preciso invental-o. Que enthusiasmos, que jubilos, que emoções se não experimentam em todas as festividades religiosas! Que commovente quadro o da nossa Adoração da Cruz em Sexta Feira Santa, e que esplendido scenario o de uma Procissão do SS. Sacramento! Surprehendente, mysterioso tudo isto. Ha quem prefira a monotonia de um culto extremamente simplificado. Nós não. Queremos sempre ver as longas alas de padres com as suas vestes sacerdotaes, os mancebos acolytos de longas togas brancas, e as creanças cingidas de cintas azues espargindo flores ante o SS. Sacramento, todo o acompanhamento em silencio religioso; queremos ouvir o cantico grave e pathetico entoado pelo clero e respondido affectuosamente por uma infinidade de homens, mulheres e creanças; queremos entrar nos nossos templos, alumados com brandes accesos rescentes do aroma das flores, que adornam os altares, e com os rolos de fumo de incenso que se elevam ao ar, guarnecidos de ricas armaduras de telas de sedas primorosamente bordadas; queremos contempelar as imagens, os quadros que representam os santos e são ao mesmo tempo a honra dos artistas; queremos ouvir o psalmeo dos sacerdotes, os sons da orchestra, os repiques dos sinos, que tudo nos faz sahir do Templo Santo com a alma mais cheia de creença, de innocente satisfação, desfrontada. Nunca as festividades, por mais esplendidas que se celebrem, tolheram a oração mais fervorosa dos mais crentes e contemplativos.

As ceremonias sagradas, como as artes que se inspiram n'um ideal puro e santo, quanto mais grandiosas e mais solemnes, mais emocionam e movem á piedade a alma dos crentes e a dos que o não são. Encyclopedistas famosos e ardentes o confessaram e o sentiram ao sahir d'essas grandes festividades do Vaticano e S. Pedro em Roma e Notre-Dame em Paris. Miguel Angelo, Raphael, Rubens, Poussin e Murillo o proclamaram aos quatro ventos, produzindo esses monumentos de gloria que o mundo admira, e que são a manifestação mais evidente do seu genio inflamado pela grande inspiradora de todas as artes, a religião, isto é, o culto catholico. Não é conhecer os homens nem os segredos do coração o desprezar os meios exteriores de sustentar a fé e de desgostar piedosos affectos.

Se desenvolvessemos agora o sentido mysterioso d'essas ceremonias, mais se convenceria o leitor de quanto ellas concorrem para nos afervorar na creença e no cumprimento do dever.

Ha centenas de seculos que Portugal leva a palma a todas as nações do mundo, nas homagens, no culto em honra da Virgem Immaculada. Esta nação pequena, mas rica, e nobre, e heroica, que por mares nunca d'antes navegados levou o estandarte da Cruz com o nome da Conceição de Maria ás mais afastadas regiões do globo, digamol o com orgulho, nunca cedem nem ce-de ainda hoje o logar de honra na devoção á Virgem dos Portuguezes. Ninguém pôde roubar-nos essa gloria. Ainda o immortal Pio IX não havia proclamado o dogma da Immaculada, já nós lhe tínhamos levantado em sua honra a capella de Villa Vicosa, já tínhamos mandado cunhar em ouro e prata com a effigie da Virgem e a legenda *Tutelaris*



O Cardinal Patriarcha no solo ornado a leitura da Bala que concede a bucco papal

A BBE hoje o *Brasil-Portugal* esta secção, a que vai consagrar um espaço em todos os numeros. Como o titulo indica, facil é de ver a vastidão que abrange e o interesse que desperta. Nas paginas que ella vai occupar n'esta Revista, poderá o leitor ver desfilir o passado nos grandiosos monumentos religiosos que marcaram época para a architectura e para o estilo de cada seculo. Objectos de arte christá de que tão opulento foi o nosso paiz, reliquias venerandas da creença de todos os tempos, recordações artisticas das épocas em que a riqueza alimentava a fé e os monarchas contribuam para a ostentação de culto lithurgico, e simultaneamente, os melhores especimenes da arte moderna, aspectos de edificios religiosos, sédes de missões no ultramar, com a narrativa do do que são e do que valem, interiores de casas destinadas á caridade evangelica, copias de quadros notaveis, vultos que se assignalem por servicos prestados á Religião, trechos de alta litteratura, tudo quanto emfim n'este vastissimo ramo interesse a Portugal, ao Brasil, e aos nossos dominios ultramarinos, terá cabida n'esta especial secção, de forma que o rapido programma aqui traçado se cumpra e satisfaça a curiosidade dos que tão bizarro acolhimento tem feito ao *Brasil-Portugal*.

É com uma festividade religiosa, a de Nossa Senhora da Conceição, das mais solemnes e importantes que em Portugal se celebram, que esta secção é inaugurada.

Dificuldades que começamos por julgar insuperaveis, tivemos de vencer para podermos dar nas estampas que n'esta paginas se vêem um dos aspectos, dos mais grandiosos e solemnes, d'essa festa nacional, em que officia o patriarcha de Lisboa, e a que assistem sempre o chefe do Estado e sua augusta familia.

Só á fidelidade da objectiva photographica quizemos confiar a fixação d'essa magestosa cerimonia, que pela primeira vez em Portugal é por esta forma reproduzida.

Ficam á frente d'esta secção dois nomes que garantem, em toda a sua plenitude e responsabilidade, a promessa n'estas linhas registrada. São o sr. dr. Antonio José Roayda, deão da Sé de Lisboa, escriptor catholico, e fundador das missões ultramarinas em Portugal, e o sr. padre Manoel Damasc Antunes, capellão de cavallaria, que tem o seu nome ligado a importantes jornaes e a publicações de religião e arte. D'esta delicada missão se incumbiram ambos com uma gentileza captivante.

A todos quanto esta secção possa interessar, e especialmente ás damas e ao clero, pedimos a fineza de nos enviarem photographias, fac-similes, desenhos, tudo o que, reproduzido pela zinecographia ou pela photogravura, considerem digno d'estas paginas, em harmonia com o plano exposto.

A DIRECÇÃO DO *Brasil-Portugal*





*Regem*, a moeda chamada da Conceição; já a nossa Universidade, conferindo os seus graus, e puzinha o juramento aos seus filhos de defender este dogma, e as nossas côrtes reunidas, quando quebravamos os grilhões da escravidão, proclamavam a Immaculada Conceição de Maria, Protectora e Defensora do Reino. E com que festas então se celebrava a SS. Virgem nos mais pequenos logarejos, em todas as villas, em todas as cathedraes! Era de admirar como todos á porta, com as mãos carregadas de ofertas e os corações de fé e piedade, Lhe rendiam culto. Aqui n'esta Patriarchal de Lisboa não ha pincel que o possa colorir, nem partitura que o possa cantar. A magnificencia d'esta solemnidade era superior a quanto a penna possa descrever.

Hoje é mais modesta, mais simples, quanto o Pontifical seja o mesmo.

Digamos resumidamente o que é esta festa.

O Patriarcha acompanhado de todo o cabido paramentado espera á porta principal a chegada da familia real, que sauda e asperge e conduz á Capella do Sacramento com toda a côrte, por entre filas de officiaes do exercito de terra e mar que a reverenciam, beijando a mão de Suas Magestades, que, dirigindo-se á capella, tomam o solio no solio. Immediatamente Sua Eminencia entoa *tercia* e começa a paramentar-se para a missa, revestindo-se dos riquissimos paramentos do tempo de D. João V, que estão ainda bem conservados, deslumbrantes. Conclue *tercia* e todo o cabido aproxima-se do Patriarcha e presta-lhe a obediencia. Segue a processão em volta da capella-mór, e dando o Patriarcha a paz aos reverendos capitulares, sobe ao altar e principia a missa com musica do 2.º mestre de capella Augusto de Carvalho e instrumental da Orchestra da S.ª e da Real Camara.

Ao offertorio Sua Magestade El-Rei, conforme o uso tradicional, ajoelha em frente de Sua Eminencia e faz-lhe a offerta, que minutos antes lhe entregara o thesoureiro-mór das reaes capellas. A offerta é pecuniaria e destina-se á capella da Conceição de Villa Viçosa.

Finda a missa são lidas as tabelas de indulgencias e o Breve pontificio concedendo a benção papal, e ao lançar Sua Eminencia a benção, as duas baterias de artilheria postadas no Terreiro do Paço dão as salvas do estylo, e o couraçado *Vasco da Gama* e o cruzador *D. Carlos* salvam com 21 tiros.

Desparamenta-se o Patriarcha, toma o pluvial e dirige-se processionalmente com Suas Magestades á Capella do Sacramento para dar graças, e logo em seguida até á porta da Cathedral, onde faz os cumprimentos do estylo.

É grande em geral a concorrência de grã-cruzes, commendadores e officiaes e valleiros de todas as ordens.

O effeito do conjunto é verdadeiramente digno de um quadro de pintor celebre.

Foi Bartholomeu Estevam Murillo que pintou a Conceição de Maria. Este é o inspirado pincel. Para falarmos d'Elza faltavamos o artista da palavra, e esse encontramos-o no illustradissimo e festejado orador Alves Mendes, que viu algumas telas riquissimas em que o grande hespanhol reproduziu o objecto favorito das suas laureadas creações. Fechemos com essas palavras eloquentes este artigo.

Que pintura e que pintor! Aquelle céu ridentissimo, aquelle horizonte, d'uma transparencia infinita, aquellas aureas estrelas, tão limpidas, tão reluzentes, que parecem ter fugido aos espaços para lucilar mais nitidamente all; aquelles grupos de anjos com cabelos de ouro e labios cor de rosa, reschidamente dispostos em côro esveltissimo, animados, bulhoços, vivos, entreabrindo aos olhares da terra aquella especie de vestidulo, ou, antes, de arrabalde do céu; a lua — o astro saudoso, a lua — o astro melancholico, inspirador e suavissimo, estendendo ao longe os seus almos resplendores, franjando de suas thamas preateadas e accidentando de suas tremulas refracções todo aquelle mysterioso ambiente: depois, a pleno centro, a Immaculada — aquella gentileza tão vaporosa e tão leve, que se exhibiu ao vidente de Pathmos; aquella belleza esplendorosa e subtilissima, como se fôra formada de ether e de sol, subindo, subindo serenamente



O Cardinal Patriarcha cantando as orções da missa auxiliado pelo Arcepreste e beneficiados Castro e Escoquil

uma realidade tamanha, que a gente, cravando a vista n'elle e fixando-o por alguns momentos, antes crê conversar uma appareição do que observar uma pintura. Maria Santissima parece que nos foga; e nós, estando solitarios e orphãos n'esse globo sombrio, occulto sob suas plantas e enroscado pela serpente, sentimos um calafrio enorme percorrer nos fortemente os nervos, experimentamos um estranho terror que nos atravessa electricamente a alma; e n'esta situação apuradissima, vendo-a assim partir-se para os céos, alongamos-lhe exoratamente as mãos, tentamos suspender-nos ás fimbrias do seu manto e, com os olhos ramos de lagrimas, lhe bradamos afflicto que se detenha na terra ou que nos leve consigo.

P.º MANOEL DAMAZO ANTUNES



## A S. S. Leão XIII

Agora que mais ruga a tempestade,  
E que em seus fundamentos convulsiva,  
Da sombra, do erro, do terror captiva,  
Disseréis baquear a sociedade;

Agora que o pharol da liberdade  
Ameaça tornar-se chamma viva,  
E que, raivosa, a multidão altiva  
A' força tenta impor sua vontade;

Só a barca de Pedro soberana  
Sulca as ondas impavida e quieta,  
Astro de santa paz na guerra humana;

Leva á popa um Leão, da igreja athleta;  
Vae na esteira da Fé, que o mar lhe aplaina;  
Dirige-a do Senhor a voz secreta

RAMOS CORLEIRO.



O Cardinal Patriarcha revestindo-se para celebrar a missa auxiliado pelo Arcepreste e Acollido





# THEATROS

## S. Carlos

**A**BRUI finalmente as portas este teatro, para a habitual temporada lyrica, no dia 20 do corrente. E semelhança facto, ainda não ha muitos annos entre nós da mais ruidosa importancia, e que costumava marcar o começo da epocha verdadeiramente fashioneira de cada inverno lyrico, passou este anno quasi despercebido, graças á extraordinaria abundancia de

verões do mesmo genero, qual d'elles a mais apparatus e interessante, que ali fantasmamente se exhibem por todos os theatros.

Não quer isto dizer porém que esfriasse o enthusiasmo do publico, habitual frequentador do theatro de S. Carlos. Pelo contrario; nunca, em anno anterior nenhum, se viu ali, como agora, tão numerosa e assidua concorrencia. As exchentes succedem-se, e que não admira, porque está tomado da assinatura quasi todo o theatro. E' difficil obter-se um lugar avulso, principalmente em noites de primeira representação.

A companhia lyrica, que é excellente, estreitou-se com a *Robine de Flocin*, cantada a Ferrani (*Mimi*), Martelli (*Musette*), Bonci (*Baldolpho*), De Lucia (*Marcello*), e Perello (*Colline*). Acchida foi, mais uma vez, com o accentuado agrado que o nosso publico dispensa a esta formosa partitura. Ferrani e Martelli, já nossoas conhecidas, foram muito applaudidas, sobretudo a primeira, que conservou o mesmo timbre ethalino de dadas vozes, a mesma extensao e facilidade nos agudos, e é indubitavelmente a melhor interprete da *Mimi*, de quantas temos apparecido em S. Carlos. Tambem o tenor Bonci nos parece que foi uma boa acquisição. E' um bello tenor de muito caracter, com rara pureza de voz e uma perfeita gradação nas *staccatos*. O *racconto* do 1.º acto houve de ser bisado, porque Bonci accentuou-o finamente, emitindo esplendidamente o *do natural*.

Igualmente foi repetido, no 3.º acto, o *quarteto*, em que o barytono De Luca se patenteou um artista superior. Os cores e a orchestra mantiveram-se firmes e atentos, apesar de nos parecer que o maestro regente, sr. Cantis, tanto em *Behme* como nas operas seguintes, manifesta por vezes desigualdades e entraguacões que denotam talvez n'elle a carencia de envergadura para arcar com as responsabilidades de director musical de um theatro lyrico como é S. Carlos.

A segunda opera cantada foi o *Orpheu*, de Gluck, distribuido a Armida Parsi (*Orpheu*), Amalia de Roma (*Eurydice*) e Longhi (*O amor*). Ha dois annos, quando esteve no mesmo theatro lyrico a sr. Parsi, muitos assignantes e admiradores da talentosa e gentil artista, manifestaram instantes desejos de a ouvir no *Orpheu*. Não poude, essa epocha, ser satisfeito o pedido; foi o porem agora; e de modo a justificar o grande empenho que o fizera formular. Em todo o decurso da opera, a sr. Parsi cantou admiravelmente bem aquellas singelas mas sentidas melodias, tirando magnificos effeitos da sua voz, tão bem educada, e que é um encanto em sonoridade, pastosidade e timbre. Tanto na aria da opera *Tancredi*, que foi introduzida no 1.º acto do *Orpheu*, como especialmente na *aria*, «Che farò senza Eurydice», a formosa *prima-donna* foi de uma arte, uma correcção e uma suavidade verdadeiramente superiores.

Entretanto, no seu conjunto, a opera, demasiado singela aos moldes classicos, deixou a publico frio e pouco desejoso de a tornar a ouvir.

Já o mesmo não succedeu com o *Werther*, que agradou extraordinariamente, como o anno pasado, quando pela primeira vez se ouviu aqui. Nem isso admira, visto como este drama lyrico é certamente, depois da monumental *Mona*, a mais completa, inspirada e notavel partitura de Massenet. Difficilmente se poderá em volta de um assumpto emi-



CESIRA FERRANI  
Soprano

nentemente dramatico, qual este é, borrar com mais intensidade, e no mesmo tempo com tanta leveza, a partitura, a graça, a suavidade, a ternura. O *Werther* é uma obra ideada com amor, executada com valentia, d'uma grande egualdade de factura, apaixonada sem emphase, eloquente sem exaggeros, comovente sem patheticos de mau gosto, — equilibrada portanto, luminosa e nitida, como um bom modelo que é da escola musical franceza, a qual tem Massenet por chefe.

O desempenho do protagonista, confiado este anno tambem a Delmas, foi primoroso, concorreudo em parte para o extraordinario agrado que despertou a opera. Não se pôde cantar nem desempenhar melhor aquella lindo e diffil papel. Logo no 1.º acto, a invocação «O' natura de gracia plene», em que reaprece a phrase ondulosa que constitui um dos themas do preluído, foi desdobrada com verdadeiro talento, bem como a scena final entre *Werther* e *Lolette*, a qual vive mais inspirada, espontanea e bella da partitura. O 2.º acto foi um novo e justificado triumpho para o illustre tenor, que teve de repetir a melodia. No 3.º foi igualmente muito applaudido.

A sr. Ferrani e De Luca secundaram-o brilhantemente. Agradou tambem muito a *reprise* de *Os Pálhaos*.

ABEL BOTELHO.

## D. Ametia

Amor Louco, drama em 4 actos, de Lopes de Mendonça

O genero a que pertence o ultimo drama do sr. Lopes de Mendonça é porventura o mais diffil de tratar com exito no theatro. A vida regional, a sociedade de gente do campo ou de gente do mar, são aquellas que o dramaturgo tem

maior difficuldade de apresentar no palco em reprodução fiel. Porqu' Porque o actor tem de despír toda a sua individualidade e metter-se por completo na pelle de cada personagem que cria ou arraxos á observação. E, ao contrario do homem culto da cidade com que topamos a toda a hora, com quem convivemos a todos os minutos, a quem apertamos a mão, com quem nos assentamos á mesa, no qual vemos emfim como n'um espelho muitos dos nossos defectos, muitas das nossas qualidades, como se n'elle vivesse alguma coisa de nós mesmos, ao contrario o homem do mar ou o homem do campo é em regra um ser á parte, com outro temperamento, com outro sentir, com outros gestos, com outra linguagem. D'aqui a enorme difficuldade de o colher em flagrante, de metter na objectiva da observação essa individualidade ao mesmo tempo simples, complexa e typica. E os escolhos que, para realizar o seu ideal artistico, que é — accoetionos a palavra — integrar em scena uma d'essas figuras inconfindiveis, encontra o actor dramatico, não são inferiores aos que se deparam ao artista para com fidelidade a interpretar. Difficuldades que, por grandes, é, no seu conjunto, quasi impossivel vencer. E não fosse tão pujante a envergadura theatral do actor do *Duque de Viseu*, e graças a ella, não fosse elle encontrar no amor e no desespero, no conflito das mais intensas paixões humanas, o fillo do seu drama, que talvez o acolhessem bocejos e enfiados em vez das palmas com que nos noites succursivas o nasceu consagrado publico exigentes.

Da sua estada balnear na Erciceira, uma das mais rudes e pittorescas praias da nossa costa maritima, nasceu o *Amor Louco*. Nasceu todo o drama que d'elle irrompe e se descauve, e por fim explie n'uma formidavel, suggestiva e emocionante scena theatral em que ha alma, paixão, verdade? Não sabemos se é ahí que lies em pleno dominio a phantasia do actor. Não sabemos se aquelle enorme sacrificio de Paulo e de João, o primeiro pedindo para o seu amigo a mão d'aquella Amnhias, que elle tambem adora, o segundo perdendo aos dois, pelo muito que lhes quer, o mal enorme que lhe fizeram, a degrada que lhe causaram, não sabemos se estas duas verdadeiras *trouilles* tiveram realidade pratica no brotaram apenas do cerebro do escriptor.

Estes dois extraordinarios sacrificios do coração abrem e fecham o drama, e é dentro d'estes polos que a acção decorre e se movem e vivem intensamente essas pobres e singellas figuras de pescadores, esse pregeiro, que João Rosa conseguiu caracterizar com tanta propriedade, mostrando-lhe o feição e o caracter sempre na mesma linha traçada por mão de mestre, Paulo, que n'quelle meio representa o elemento civilisado, mas que tem no fundo do coração a ingenuidade e o sentimento d'aqueillo com que convive e a que pertence pelo sangue, Paulo, que Augusto Rosa interpreta com tanta correcção e tanta vida, João Pardelhas, o seu rival, o pescador apaixonado por Amnhias, que encontra em Brazil os elementos necesarios para o reproduzir em scena, desde a afflicção ingenua e empolgante ao arrebatamento final, que é a morte da sua esperança e a impetuosidade do seu desespero, a velleza, a avidez de João, e a sua ingenuidade, o seu rival, o pescador apaixonado, tão artisticamente, tão carinhosamente exhibido em scena por Anna Pereira, a Amnhias, que Georgina Pinto deu relevo, apesar de algumas hesitações de quem começa, os dois pescadores, que Antunes e Gil com larga observação caracterizam e expõem em scena, o correndillo, intrigante e mau, tão bem acabado pelo actor, e em milhares de detalhes observado e seguido com rigor por Justina Saravia, e finalmente essas duas figuras de secundaria importancia, bem apresentadas, é certo, por Cabral e Amélia Pereira.

Indistincto como exposição, adoravel de pittoresco, vivido em todos os deta-



ARMIDA PARSÍ  
Soprano

lhas, cheio, copia fiel da vida dos pecadores, o primeiro acto. O segundo, com duas scenas apenas, vale mecos, mas termina com uma verdadeira *troussaille*: o relampago illuminando o beijo que Paulo dá em Anninhas, e observado pela avó de João. O 3.º muito interessante como estudo de costumes, dando a vida dos pecadores á beira mar, nos momentos lencinantes do perigo ou da morte. O 4.º acto é a explosão do desespero e do amor, é a crise do conflicto, é o drama.

Tão difficil manter em toda a sua pureza, em toda a sua verdade, a linguagem original dos pecadores, que o sr. Lopes de Mendonça, apesar do esforço evidente que faz sempre para sustental-a, ficou por vezes á guisa d'essa responsabilidade litteraria.

Como observação o primeiro acto é primoroso, e seria impecavel, se não fossem um bocadinho excessivas as imagens locaes e profissionaes. Mas ha em todo o caso, mais n'este acto do que nos outros, uma copia abundante de phrases e locuções, que abona as facilidades de observador do actor do *Amor loco*.

Que o drama está posto em scena com muita propriedade, vestido a rigor, e emoldurado em formosos quadros de scenographia, de Machado, como o do 1.º e do ultimo acto, superior a todos o do 3.º, a prala da Ericieira, maravilhosa de effeito scenico, e tão fidedelmente reproduzida na gravura que damos, que tudo em summa converteu para o exito do *Amor loco*, facilmente o reconhecerá quem fór ao D. Amelia vir representar a primeira das pezas originaes, com as quaes, n'aquelle theatro, vai este anno opulentar-se a litteratura dramatica nacional.

JAYME VICTOR.

ABEL BOTELHO.

ALEXANDRE BONCI  
1.º tenor

## Gympasio

## O Alletuia

A noite de 22 foi de verdadeira e rija festa n'este theatro. Celebrava-se a *soirée* de amor de Joaquim d'Almeida, hoje, entre todos os nossos actores, aquelle que incontestavelmente dispõe de mais vestes e complexos recursos. Comico d'um valor inextinguivel, como aquelles que mais o são, diz-se-hia porora que o não satisfaz esta modalidade chocarreira e baixa do seu talento, o qual então, voando alto, attinge com exito, com raro vigor e extraordinarios e empolgadores lampejos, os dominios difficeis do drama e da tragedia.

E d'uma tragedia se trata agora, pois outra coisa não é o *Alletuia*, esse commovido e violento laice sentimental, cujo desfecho o actor prepara habil e gradualmente, com um vibrante poder de expressão, com uma logica de ferro, por forma a agitar intensamente as mais intimas cordas da alma do espectador.

Isto se pôde dizer d'essa bella peça de Marcos Praga, representada em tempo entre nós pelo grande Novelli, e que agora Joaquim d'Almeida, com a fozosidade natural do seu exclusivo temperamento artistico, que só a difficuldade sciza, que só com as extremos se contenta, escolhebra para a sua festa, cioso e ardente de mostrar mais uma vez ao publico, que o adora, quanto valem as suas excepcionaes aptidões e até sonde pôde alcançar o seu privilegissimo talento.

A traducção da peça foi por Joaquim d'Almeida confiada a um dos nossos novos escriptores de mais talento e mais decidida vocação para o theatro, o sr. Luiz Galhardo, o qual se não limitou a essa tarefa, paramente mecnica de traduzir. Modificou, allegrou a peça, mórmente o 4.º acto, e com muito acerto, pois, não lhe tirando nada do seu valor, até parece que pela simplificação mais condouso e valorioso a intensidade dos principaes effeitos. Nós

conheciamos a tragedia *Alletuia*, do tempo de Novelli, e sinceramente, pareceu-nos agora melhor.

No desempenho de Joaquim d'Almeida, esse desatranço e typico *Alletuia*, não ha, nas linhas geraes, senão que fazer louvores. Conduzido o papel sobriamente no 1.º acto, o eminent actor soube depois, em bem estudadas modulações, ir a tempo e em gradativos valores subindo, até desfechar, depois das scenas violentas do 2.º acto, na tremenda explosão do 3.º

acto. Uma ou outra vez, a precipitação no gesto, o atropellamento da dicção, — vícios inherentes ao desempenho de papéis comicos, — vêm um pouco fora de tempo, prejudicando a si-

tução, falseando o valor do laice; logo porou a seguir, a paixão irrompe com tamanha violencia, a intensidade dramatica do actor vibra tão forte e a exteriorização da sua alma é tão quente e tão grande, que o seu rutilo lampejo cunha tudo o mais, e a effusão communicada ao espectador attinge o vertice alto grau na escala do terrivel.

O publico applaudiu-o com enthusiasmo e o *Gympasio* En contando com uma boa peça mais para car-tax.

ANDREA PERELLÓ  
1.º baixo

## Principe Reat

## O demonio dos mares

No dia 21, subiu pela primeira vez á scena n'este theatro o drama *O demonio dos mares*, original de Eugenio Grange e Bernardo Lopez, passado a bom portuguez pelo sr. Maximiliano de Azevedo. É um drama de estrecho decorre e situações interessantes, cuja acção decorre entre a Inglaterra e a França, no começo do seculo actual. E protagonista é o celebre pirata *Sarcou*, cuja extraordinaria individualidade tem sido thema para tantas e tão variadas obras de theatro.

Nas suas linhas geraes a peça é isto: um episodio sentimental, commovendo scenas de amor, preparadas com mão de mestre, que perpassam em meio de luctas e combates navaes, patrioticas explosões, uma abordagem, surpresas, mortes, e os mais violentos e imprevisos successos.

Entram, assim, marinheiros francezes e ingleses, officiaes, colonos, piratas malaios, genios do povo, etc. E basta enumerar esta somma de attractivos para justificar o intenso agrado que tem despertado a peça.

O desempenho é regular, distinguindo-se Pato Moniz, Luciano, Roldão, Baptista, Elisa Aragones e Rosa de Oliveira.

MARIA MARTELLI  
Mezzo sopranoAMALIA DE ROMA  
Soprano





LOPES DE MENDONÇA  
Auctor do *Amor louco*

da rocha vermelha, posta com um deslumbramento de machilismos e scenario, raro nos nossos theatros, seguiu-se agora a operetta *Zecronella*, a qual parece ter por equal cabido no agrado do publico. Esta peça, arregrada e ampliada do inguez pelo sr. Alberto Bossa, é d'uma factura um tanto antiga. Ha um modo fidalgo que, julgando-se atraído pela mulher que ama, prohibe no seu palacio a entrada a mulheres de qualquer condicao ou idade. Dá se porém uma *reviravolta* completa quando um curioso doutor lhe eura a monomania, como ao nórdico, igualmente resistente, precisamente pelos carinhos das mulheres.



JULIO ROSSA no *Amor louco*

## Cotyscu dos Recreios

Na mais vasta sala de espectáculos publicos que tem Lisboa, e que é ao mesmo tempo uma das mais vastas da Europa, o Santos Junior tinha o cuidado de reunir todas as noites tanta



GEORGINA PINTO do *Amor louco*

## Reat Cotyscu

### A Reviravolta

Com uma companhia mo'estissima, e apesar de situado n'um bairro já um pouco excentrico, o que afugenta condecoração, tem entretanto conseguido o *Reat Cotyscu* manter-se sempre com publico e fazer a dose de applausos, prometendo atravessar sem interrupção toda a epocha de inverno.

A seguir é magica *O castalleiro*. Cantar-se a todo o momento, abrida as suas portas de mais guapas raparigas da aldeia. Cantar-se a todo o momento, e o espectador fica realmente convencido de que o bello sexo não é tão mau como alguns o pintam... Ora este singelissimo enredo, exteriorizado por um desempenho muito equal e cheio de colorido e relevo pela musica do maestro Calderon, bastou para que a peça tivesse um exito ruído. Exito principalmente para a musica, da qual, sem favor, seria pallido tudo quanto aqui especialissemos no sentido de a exaltar. N'aquelle genero, e para aquelle effeito, não seria facil escrever mais inspirados, galantes e scintillantes trechos do que, por exemplo, a *romansa* do cidalga no 1.º acto, o *tercetto* erotico no 2.º, e no 3.º o bailado, — canção de *Pepito* e o final.



AUGUSTO ROSSA no *Amor louco*



Scena do 2.º acto do *Amor louco*

genio, que parece não lhe fazerem moesa os deos theatros que em Lisboa estão funcionando.

Onde está o *quid* d'este magico privilegio? Que varinha thaumaturgica de emprensão é esta que taes milagres produz?

Quem pretender resposta prompta tem uma coisa bem simples a fazer: ir ao Cotyscu, não só uma noite, mas duas ou tres ou mais, para poder apreciar o fino tacto, a especial competencia, a habilidade rara, com que Santos Junior agrupa e liga elementos de agrado e de exito tão diversos, que afastam a hypothese da monomania, tão interessantes que não cançam o ouvido ou a vista, tão originaes que destroem a lenda de que em trabalhos d'aquelle genero re-creativo todas as novidades... são velhas.

Falga-se o publico porventura de applaudir a *Bella Monteverde*, ou sua irmã a *Pastorita* que todas as noites com os seus meninos de quadris, os seus requieiros provocantes, a sua fina arte de bailar, prendem e aguçam n'um quasi espasmo, os olhos de tantos admiradores, alguns dos quaes levam ao delirio o *enragement* dos applausos?

Mas ainda não estão apagados os ecos das ultimas palavras, e eis que os olhares e os binoculos assentados para o palco se voltam para a arena, onde *debuta* gratis como a *Scifist* e a *Milda*, mostram n'outra arte outros encantos, e estão ainda as attentões seguindo o trote ou o galopar do cavallo, mais bem obzocado que grande parte do nosso proximo, quando outro espectáculo mais atrahente está já em preparação, para d'ahi a pouco fazer *querer* para o alto, para o espaço, os olhos boquiabertos—como diz um nosso conhecido, — São as irmãs Dorinas, das quaes se pôde dizer como o poeta:

*Que outro valor mais alto se aleanta.*



JESUINA SARAIVA



BRAZÃO do *Amor louco*

# BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão  
 Texto e capa: Companhia Nacional Editora  
 Largo do Conde Barão, 30  
 Paginas supplementares: Off. Estevão Nunes & F.ª  
 Rua d'Assumpção, 18 e 24  
 Romance: Typographia Castanheira  
 Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENA ILLUSTRADA

Directores  
 Augusto de Castilho, Jayme Victor, Louçã Tavares  
 Editor  
 Luís Antonio Sanches  
 Redacção e administração—Rua Ivens, 12  
 LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO		
Anno.....	4\$800	Anno.....	7\$000	Anno.....	8\$300
Numero avulso (moeda brasileira).....	4\$800	6 mezes.....	4\$000	6 mezes.....	4\$500
		3 mezes.....	2\$800	Numero avulso.....	4\$500
		Numero avulso.....	\$400		

## SUMMARIO

Chronicão—A caridade—Ramaão Ortigo.  
 A cidade de Santos (Brasil).

A dança—Pinto de Carvalho (Tinopi).

O Lazareto de Lisboa.

Ramaão Ortigo.

O primeiro nome—Valentim de Magalhães.

Arte, litteratura e personalidades e edificios religiosos—Festa

da Immaculada Conceição—Manoel Damaso Antunes.

Theatros—Jayme Victor e Abel Botelho.

### Paginas supplementares

Almanach do Brasil Portugal

Centenario do Descobrimto do Brasil.

Noss assignaturas.

Os nossos correspondentes.

Sciencia facil—Oravel.

Carionidades.

Recitas.

Horas d'ocio—F. A. de Mattos.

CALTEAR DA QUINZENA

Concurso de arte

Brasil-Portugal—2.º anno.

42 ILLUSTRAÇÕES

## ALMANACH ILLUSTRADO

### 'DO BRASIL-PORTUGAL

Brinde nos assignantes

A EDIÇÃO POPULAR

Com o numero 24 da série termina o 1.º anno da publicação d'esta revista. Com elle será distribuido a todos os nossos assignantes o brinde annual que lhes promettemos no numero programma. E o «Almanach Illustrado do Brasil-Portugal», n'uma formosa edição em papel de luxo, contendo o calendario dos dois paizes, mais de 400 gravuras, em grande parte inéditas, uma primorosa e vastissima collaboração, tanto portugueza como brasileira, e uma abundante secção de annuncios.

Além d'essa tiragem especial, põe a empresa á venda em Portugal, no Brasil e em todas as nossas colonias, **uma edição popular**, ao alcance de todas as bolsas, n'uma tiragem de muitos milhares de exemplares.

Chamamos a attenção para a **4.ª pagina da 'cupa d'este numero, que publica o annuncio do «ALMANACH ILLUSTRADO DO BRASIL-PORTUGAL».**

## CENTENARIO

DO

## DESCOBRIMENTO DO BRASIL

### NUMERO EXTRAORDINARIO DO BRASIL-PORTUGAL

Uma revista nacional, que tem o titulo da nossa, e o excepcional acolhimento com que a têm favorecido os dois paizes irmãos, não pode deixar de celebrar n'um **Numero extraordinario** o acontecimento por excellencia do reinado de D. Manoel.

N'esse numero, que constará de mais de cem paginas, virão collaborar em prosa, verso e desenhos allegoricos os maiores escriptores e artistas de que se uniam as duas nações que falam a mesma lingua.

Numerosas são já as adhesões, que de Portugal e do Brasil tem chegado a esta redacção, e, antes de mais, os directores do *Brasil-Portugal* manifestam em publico o seu reconhecimento a quantos d'aqueem e d'alem do Atlantico, se tem já associado á ideia de consagrarmos um grande, um sumptuoso, um *Numero-livro*, excepcional, unico, ao descobrimento do Brasil.

Aos grandes orgãos da imprensa fluminense

multo penhoradamente agradecemos os directores do *Brasil-Portugal* o gentil incitamento, as palavras generosas e tozantes com que tão bisarramente têm contribuido para a realisacão d'esta ideia, a que nos entregamos de coração e alma.

E' nosso intento, arrojado talvez, mas nem por isso menos patriotico, fixar, registrar n'um livro o centenario do grande feito maritimo, que, durante seculos deu a este pequeno reino occidental a posse do mais vasto dominio da America do Sul. E' portanto o nosso desideratum não só agrupar n'esse **Numero extraordinario** os nomes dos artistas e dos escriptores aos quaes mais deve a ideia, o sentimento e a lingua portugueza, mas tambem fazer d'esse livro um verdadeiro repositorio historico e do.umental, em que pelo desenho e pela photogravura se reproduzam preciosissimos documentos e cartas geographicas do Brasil, quanto emittim se ligue ao extraordinario acontecimento.

E ainda como incitamento ás letras e á arte portugueza, resolveu a empresa do *Brasil-Portugal* abrir um

### Concurso litterario e artistico

estabelecendo premios pecuniarios aos vencedores d'esse torneo espirital.

**Chamamos a attenção para o respectivo annuncio que vem na pag. Supp. n.º 5.**

## NOVA ASSIGNATURA

O extraordinario exito obtido pelo *Brasil-Portugal* durante o 1.º anno da sua publicação, permite-nos reduzir em Portugal o preço da assignatura e da venda avulso.

Com o n.º 25 da Revista começa o 2.º anno da publicação.

**Attenção para o annuncio das Pag. Sup. N.º 6, 7 e 8 em que vemos exaradas as condições da Nova Assignatura.**

# Conselho d'Amigo...

## Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!



# OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

### No Brasil

- RIO DE JANEIRO — Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua das Alhandeas, 4, sobrado.
- PERNAMBUCO — Leopoldo A. da Silveira.
- PARÁ — Manuel Ferreira Santos Junior (casa Very-Well).
- MANAOS — Lino Aguiar & C.<sup>a</sup>
- MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.<sup>a</sup>
- CEARA — Salles Torres & C.<sup>a</sup>
- BAHIA — Sousa Vianna & C.<sup>a</sup> Rua dos Olivives, 3.
- PELOTAS — Carlos Pinto & C.<sup>a</sup> (Livraria Americanas).
- PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.<sup>a</sup> (Livraria Americanas).

RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.<sup>a</sup> (Livraria Americanas) Rua Marechal Floriano, 100.

### Em Africa

- BOLAMA (Guiné) — Osmar A. Gouveia da Silva Homem, Theosreitor geral da Provincia.
- MOSSAMEDES — José Maria Pereira, escrivão e tabelião.
- QUELLIMANE — Henrique Lima.

### No Continente

- PORTO — Livraria Moreira, Praça de D. Pedro.
- EVORA — Luiz Freire Corgreia, director da fiscalização dos tabacos.
- ONTE DE LIMA — Lina Amaral & C.<sup>a</sup>

E Empresa do BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relação dos seus correspondentes em todos os Estados do Brasil, e em Portugal e colônias.

Com elles se poderão entender directamente os seus subscritores e leitores do BRASIL-PORTUGAL.

Dois rendeiros satisfeitos com a benignidade da estação:  
 — Se este tempo continua assim, tudo sahirá da terra, diz um d'elles, referindo-se á sementeira.  
 — Que me diz, compadre! exclama o outro; e eu que tenho a minha sogra no cemiterio!...

## Sciencia facil

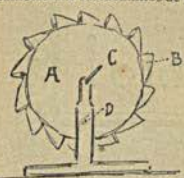
### O acido carbonico

Todos os gazes são pesados, e o acido carbonico é um dos mais pesados que existem. Vamos pôr em relevo esta sua propriedade por algumas experiencias interessantes.

Prepara se este gaz introduzindo n'um frasco um pouco de bicarbonato de sodio e acido tartarico; n'esse frasco deita-se agua até metade e applica-se ao gargalo um tubo de borracha bastante comprido, por cuja extremidade livre o gaz se escapa.

N'um recipiente cylindrico bastante largo e que devará ser de vidro collocam-se 4 velas de diferentes alturas; accendem-se estas velas e faz-se separar a extremidade livre do tubo de borraça no rebordo do recipiente. A presença do gaz affirmase logo. O gaz chega ao fundo do recipiente e ahí espalha-se como se fosse agua e vai subindo cada vez mais; chegando ao nivel da vela mais baixa, apaga-a, visto ser imprópria para a combustão, e o mesmo vai fazendo ás outras pela ordem das alturas.

Construe-se em cartão uma pequena roda (A) como as das azenhas, substituindo em vez das palhetas uns cartuchinhos de papel (B). Esta roda tem um eixo formado por uma agulha (C) e apoiado em dois pilares de cartão (D); enchendo successivamente de acido carbonico os cartuchinhos de papel a roda vai girando exactamente como as rodas das azenhas; esta experiencia é muito interessante



visto que a explicação não pode ser facilmente encontrada por quem não conheça esta propriedade do gaz carbonico.

### Maneira de derreter uma moeda de 3 réis

Enchem-se as duas metades de uma noz com uma mistura de salitre, enxofre e serradura de madeira na proporção de 1 parte de serradura e 1 parte de enxofre para 3 partes de salitre. Em seguida collocase sobre uma das metades da noz uma moeda de 3 réis; collocase por cima a outra metade e depois de tudo bem ligado, collocase n'uma colher de ferro e leva-se ao fogo. Apenas a mistura ardeu pode-se abrir a noz; a moeda estará transformada n'uma bola avermelhada sem que a casca da noz tenha soffrido a mais pequena alteração a não ser o enegrecer um pouco com a operação.

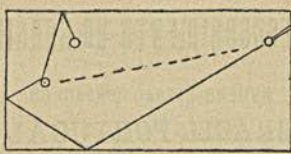
ORAYAL.

- Está em casa a prima Elisa?
- Está, sim senhor; mas não pode receber-lhe agora.
- Está talvez com visitas?...
- Não, senhor, está...
- A vestir-se, apostoi; dando a ultima pincelada na caracteristicação, não é assim?
- Não, senhor; já se pintou.
- Então o que está a fazer?
- A secar!

## HORAS DE OCIO

### O BILHAR

### Carambolas de phantasia



### Charadas em verso

- Que linda roseira que eu vi n'um jardim; quem deira trocá-la por palmeira assim.
- Que fino animal d' aqui escova a vir; repete esta mesma lá vai a correr.
- Que casa secreta d'um tempo pagão, é esta que vejo onde há escuridão?

- Só padres lá entram. E fazem o quê? Milagres sem conta, mas que ninguém vê.

- Sou um Deus, sem questão—1
- No casaco ou no gibão—2
- Na perna de escravo
- Muitas vezes Fero senhor
- Ordens sem piedade
- Que meu todo lhe vão pôr.

D. Marianna S. Faria.

### Charadas novissimas

- Traz em tecido da cidade este homem—2.
- Com uma moeda compril um logo e um peixe—1, 2.
- A moza que vem do Papa e de lá—1, 2.
- Deixa o animal comer a planta—2, 1.
- Acha que faz bem levar um golpe—2, 1.
- O negro de Madagascar reputou-me uma fada—2, 1.

### Charada adiclonada

Deus deu 2—aos homens, e aos rebanhos 0—formosos—

### Charada em quadro

- Grana, colada.
- De muito comer.
- Póde matar.
- E é de detrer.

### Enigmas

(Do meu amigo F. A. Mattos)

As doce letras do meu todo em sess as vou abreviar, tendo só quatro consonantes vogaes duas p'ra variar.

Quer concelho? Evidentemente! Lá vai: e é um confuzante!

J. M. da Silva.

Eis aqui, caro leitor, Quatro letras, mas vogaes. Que compõem o enigma Das duas yll abas, he aqui. E' palavra carilhosa. No Brasil muito vulgar Com que traam os meninos Quando os querem afagar.

Não ha segunda sem prima, mas onde prima se veja nem sempre sera forcoso que a segunda tambem esteja ..... O que te posso affinar E que o todo 'hi ha de estar.

### Decifrações do n.º 17 do BRASIL-PORTUGAL

Das charadas novissimas—Dobrada, Rosalina, Cecem, Mortaria, Lodama, Dada, utomo, Diario, Caridade, Carambola em verso—Aida, Fioraria. Dos logographos—Remio, Grotto. Das charadas em quadro—Arco, Raiu, Cera, Olas. Dos enigmas—Cachimbo, Estados-Unidos, Alcavala.

### Correspondencia em miniatura

Costa (Lisboa).—Não me dá novidade. Bem sei que entre as charadas que tenho publicado ha algumas que orçam pelo branco é... Mas que quer? Se todas as charadas forem de difficil decifração, muitos dos amadores de menos perspicacia ou de menos paciencia que eu, E' de se desanimarem; se porém decifrem algumas, ainda das que taaes que orçam pelo branco é... perceberão mais ou menos difficil, e como isso ficam satisfeitos. Deize, pois, hi d'outro d'uma e d'outras.

Charadista (S) O curso da sua carta faz-me crer que é uma game quem me e creve. Mas um motivo, para eu deitá-la ser-lhe agravaei; ajea de que as suas charadas são bem feitas. Mande mais, sim?

A' experiencia (Algarve). Sim, senhor, recebi as suas charadas, mas como não vim acompanhadas das decifrações, ficam esperando que V. Ex.<sup>a</sup> m'as remetta.

Quem portia... Lisboa—Mata casa? E' assim; mas percie o tempo. Estude, estude e deite-me por ali d'ou das suas defunctos.

F. A. de Mattos

## CURIOSIDADES

### Realejo monstro

O milanês Antonio Zibordi acaba de inventar uma machina-musica a que chamou *auto-electrico-polyphono*, que lhe custou 60000 francos; e deve figurar na exposição de Paris, e ser depois offerecida á rainha da Italia. E' a maior caixa de musica que até hoje se tem construido. O seu machinismo tem 80000 peças. Os movimentos são automaticos e produzidos pela electricidade.

A caixa, que levou quinze annos de trabalho a fazer, mede exteriormente 18 metros de comprimento, 4 de largo e 3.50 de alto; pesa 30000 Kilogrammas e precisa dois wagons de mercadorias ligadas para ser levada a Paris. Pode executar 750 peças diferentes, e uma opera de principio a fim, durante vinte e duas horas a fio e sem parar. *Irrubus*.

### A grossura dos cabellos

Um medico inglez, o dr. Thomson, verificou que as cabelleiras ruivas são menos sujeitas á queda do que as outras. E a razão é esta: os cabellos ruivos são geralmente muito grossos; 30000 apenas cabeça para povoar completamente uma cabeça, enquanto que são precisos 105000 em média, isto é, quasi o triplo, para cobrir a cabeça de cabellos escuros. Quanto aos loiros e loiras, com 30000 cabellos pareceriam calvos, e por isso tem correntemente de 140000 a 190000. Cinco cabellos loiros occupam, em média, a mesma superficie que um unico cabelo ruivo.



# O CARTAZ DA QUINZENA



No dia 12 de janeiro, recita do distinto actor Augusto Rosa com a reprise da *Estrangeira* de Dumas, filho.

**S. Carlos.** — Com a *Bohème* de Puccini inaugurou sob os melhores auspícios a sua epocha lyrica tendo sido entusiasticamente recebido o tenor Bonici a quem o publico leu repetir o *racconto*. Ceira Ferrani inextinguível como sempre na *Mimi*.

A empresa fez ouvir em seguida a *Bohème*, o *Orpheu* para estreia da sr.<sup>a</sup> Parisi que se saiu briosamente duma parte de tão grande responsabilidade do repertorio dos meios-superanos.

Depois deu a opera *Werther* para estreia do tenor Delmas.

*Werther* foi um verdadeiro triumpho para o illustre tenor a quem a critica tem tecido os mais rasgados elogios.

E ultimamente os *Palhaços* para estreia do tenor Garulli e do barytono Samarco.

Es rapidamente o que até agora tem sido o começo da epocha lyrica que por tão bellas estrofas promete ser brilhante, devido ao esmero da direcção Pacini!

**D. Maria II.** — Dando em ultimas representações o *Frei Luiz* de Sousa cuja primorosa *mise-en-scene* tem sido largamente elogiada pela imprensa e pelo publico, a sociedade artistica ensaia actualmte o *Mercadet* de Balzac traduzido por Salvador Marques, que deverá subir á scena a 15 de janeiro.

A distribuição é a seguinte:

Mercadet.....	Augusto de Mello
Ame. Mercadet.....	Emilia Lopez
Julia.....	Laura Cruz
Minard.....	Carlos Santos
Verdelin.....	Posser
Gaspar.....	Cardoso Gaivão
Perquin.....	Gama
Violante.....	Joaquim Costa
Mercour.....	Pinto de Campos
De La Braye.....	Fernando Maia
Justino.....	Francisco Sampaio]
Theresa.....	Sarah Coelho
Virginia.....	Judith Corrêa

**D. Amelia.** — Marca para 5 de janeiro a premiere do original em 3 actos, de D. João da Camara, *Meia Noite*.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

Chrystostomo, organista.....	Eduardo Brazão
Sursimo Corda, sineiro.....	Augusto Rosa
Cesarino.....	Henrique Alves
Romania.....	Rosa Damasceno
Lucrecia.....	Amelia Pereira

Na Sã de Lisboa — Meiodo do seculo. Scenario novo pintado por Augusto Pina.

Damos em seguida a distribuição da *Estrangeira*, de Alexandre Dumas, que deve representar-se esta semana em beneficio do actor Augusto Rosa, do theatro D. Amelia.

*O duque de Sepmons*..... Augusto Rosa  
*Gérard*..... João Rosa,  
*Mauricau*..... Alfredo Santos  
*Romouin*..... Augusto Antunes  
*Clarkson*..... Antonio Pinheiro  
*Guy des Haies*..... Carlos de Oliveira  
*Bernecourt*..... Salles  
*1.<sup>o</sup> creado*..... Alvaro Cabral  
*2.<sup>o</sup> creado*..... Miranda  
*Misses Clarkson*..... Maria Pia  
*Duquesa de Sepmons*..... Georgina Pinto  
*Duquesa de Ramières*..... Augusta Bred'ind  
*Madame d'Hermelines*..... Jesuina Saraiva  
*Madame Calmeron*..... Amelia Pereira

Depois da *Estrangeira* far-se-ha reprise do *Alcacer Kibir*, de D. João da Camara, para beneficio do actor Brazão.

A distribuição do *Alcacer Kibir* é a seguinte:

D. Sebastião.....	Henrique Alves
Cardeal D. Henrique.....	João Rosa
D. Fuas.....	Brazão
Conde d'Ossa.....	Antonio Pinheiro
Beltrão.....	Augusto Rosa
D. Guido.....	Augusta Bred'ind
Duquesa de Ramières.....	Alfredo Santos
Martin Afonso.....	Bayard
João Castilho.....	Salles
Christovão Tavora.....	Lagos
Gaspar Montoya.....	Augusto Antunes
Pedro.....	Alvaro Cabral
Um familiar do Santo Of. de Lisboa.....	O'Sullivan
Estalajadeiro.....	Silva
1. <sup>o</sup> homem do povo.....	Massas
2. <sup>o</sup> homem do povo.....	Adolpho
Antonia.....	Rosa Damasceno
Maria.....	Maria Falcão
Catharina.....	Amelia Pereira
Sancha Moxo.....	Amelia O'Sullivan
Estalajadeira.....	Candida de Sousa
1. <sup>a</sup> mulher.....	Elyria
2. <sup>a</sup> mulher.....	A. Gomes
Um pagem.....	Estephania

**Trindade.** — Prosegue com as representações do *Relogio Magico* que cahiu no agrado do publico e representa depois as *Tres mulheres para um marido*, traducção de Gervasio Lobato.

A distribuição é a seguinte:

Dubochard.....	Santinhos
Dardenbois.....	Conde
Raul.....	Taveira
André.....	Justino
Gabriel Carendol.....	Augusto
O adjunto do nator.....	Soares
Mosior Boxom.....	França
Baptista jardineiro.....	Duarte
Pulchéria Bassinett.....	An. elia Barros
Aurora.....	Therese Mattos
Miss Victoria.....	Carmen Cardoso
Brites Carendol.....	Estephania
Euphemia.....	Maria Costa
Julietta Carendol.....	Dolores
Francisca, criada.....	Guilhermina

**Gymnasio.** — Para breve a premiere da comedia em 3 actos de André Sylvano e João Gascoigne, traducção de Moura Cabral, *O Salta Pochinas*.

Distribuição dos papeis é a seguinte:

Gustavo Lestamboudois.....	Telmo
Lagriffoul.....	Soller
Manillon.....	Cardoso
Cirugião-mór.....	M. Franco
La Fenillette.....	Antibal
Trimart.....	Alves
Touffailles.....	Sarmento
Peradego.....	Salles
Um capitão.....	N. N.
Um escraveito.....	Lima
1. <sup>o</sup> soldado.....	N. N.
2. <sup>o</sup> soldado.....	N. N.
Marinette.....	Joseph
Loouença.....	Barbara
Louvenca.....	Juliana
Josephina.....	Adelia
Amelia.....	Aida
Ame. Carambu.....	Silveria

Officiaes, soldados, convidados d'ambos os sexos

França — actualidade

**Príncipe Real.** — Em pieno o successo o *Demonio das mares* que brevemente a empresa se vê obrigada a retirar de scena para dar em premiere destinada ao beneficio do actor Ernesto do Valle, *O Smeiro de S. Paulo*, peça em 1 prologo e 4 actos original de Bouchardy e traduzido por Avellar Pereira.

**Avenida.** — Prepara activamente o *vau-de-ville* de grande espectáculo *Voyage de Suette* com a admiravel partitura de *Wasser*.

A peça estava traduzida por Gervasio Lobato e Eça Leal.

Papa Ruiz procura apresental-a ao publico com todo o esplendor.

Dos scenarios foram encarregados os scenographos Eduardo Machado, Augusto Pina, Julio d'Ascenção e Luiz Salvador.

Entretanto teremos n'este theatro, durante algumas noites a reprise da revista *Tim tim por tim*, de que foi idoleavel creadora a actual emprezaria de este theatro.

**Real Colyseu.** — Foi de tal ordem o successo que obteve a *Revolução*, a deliciosa operetta, que o sr. Alberto Bessa *arranjou* e para a qual o maestro Calderon escreveu esplendida musica, que é inutil dizer que a *Revolução*, constituirá os espectaculos de toda a quinzena no Colyseu de Lisboa.

**Colyseu dos Recreios.** — Vae dír os ultimos espectaculos a companhia equestre que tanto applausos obteu durante a epocha do inverno.

A companhia segue para o Porto.

Dizem-nos que vem substituil-a uma companhia italiana de oper.

**Theatro do Pinto.** — Em pleno successo continua em scena a engraçadissima magica *Proezas de S. Martin*.

E claro que a empresa não a tira de scena.

\* PROVAIE OS DELICIOSOS VINHOS DO PORTO DE CONSTANTINO DE ALMEIDA \*



Casa Fundada em 1886

**JOSÉ MENDES LEITE & C<sup>a</sup>**

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUZICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

COM PRÊMIO A EXHIBIÇÃO INTERNACIONAL DE AMSTERDAM

Instrumentos de Musica

ou

Accessorios para os mesmos

NO GENERO

UNICA CASA DE CONFIANÇA

Especialidade  
em cordas para violão,  
rabecas e violas

Endereço telegraphico

«Mendes»

Caixa no correio

N.º 485



Registrada por despacho da Meritissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

**José Mendes Leite & C.<sup>a</sup>**

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA



# Concurso de Arte

DO

## “BRASIL-PORTUGAL”

Aos pintores, illustradores e poetas portuguezes

### UM SONETO E UM DESENHO ALLEGORICO

A **Empreza do BRASIL-PORTUGAL** no intuito de incitar a arte do paiz e certa de que, com a iniciação de torneos artisticos, se estimula e levanta a craveira artistica do nosso meio, resolveu abrir desde já dois concursos, a que todos os pintores, illustradores e poetas possam concorrer, premiando aquelles que, no soneto ou na illustração, melhor definam e synthetisem o acontecimento historico por excellencia do reinado de D. Manuel.

Como a Empreza organisa um «**Numero Extraordinario**», sumptuoso, de grande luxo, consagrado ao descobrimento do Brasil, no qual, alem dos concorrentes ao torneio, figurarão os nomes mais illustres nas artes, letras e sciencias dos dois paizes, será n'esse numero excepcional que se tornarão publicas não só as duas provas mais completas e eloquentes no soneto e na illustração, mas ainda aquellas que forem reputadas de merito a seguir ás premiadas.

A illustração deve ter **0,30** por **0,20**

Estas illustrações devem ser feitas no dobro do tamanho acima indicado, afim de poderem ser reduzidas, e executadas á penna ou a lapis em qualquer papel branco usado para este processo de desenho.

O soneto pode ser feito em qualquer metro.

Não é admittida mais do que uma prova a cada candidato.

Todos os originaes devem ser firmados com uma divisa ou pseudonymo; egualmente cada concorrente enviará á redacção do **BRASIL-PORTUGAL** uma carta fechada, divisa ou pseudonymo em que declare o seu nome, endereço, etc.

As cartas enviadas á redacção só serão abertas depois da deliberação do jury, em dia que se annunciará, para que os interessados possam assistir.

**O praso para a recepção dos originaes termina em 31 de janeiro corrente.**

Jury para desenhos

Jury para sonetos

Antonio Arroyo  
Manoel de Macedo  
Ramalho Ortigão

Antonio d'Azevedo Castello Branco  
Conde de Moncaras  
Ramalho Ortigão

### PREMIOS

A illustração que obtiver a primeira classificação terá o

**PREMIO DE 60\$000 RÉIS**

O soneto que obtiver a primeira classificação terá o

**PREMIO DE 20\$000 RÉIS**



# BRASIL-PORTUGAL

## REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

### 1 E 16 DE CADA MEZ

**DIRECTORES**  
**Augusto de Castilho**  
**Jayne Victor**  
**Lorjô Tavares**

**Redacção e Administração**  
**Rua Ivens, 52—LISBOA**

**DIRECTOR ARTISTICO—Augusto Pina**  
**SECRETARIO DA REDACÇÃO**  
**Alvaro Pinheiro Chagas**

#### SECÇÕES PERMANENTES

Chronicas quizenas..... *Ramalho Ortigo*  
 Chronicas biographicas..... *Adolfo de Seixas e Antonio d'Almeida*  
 Chronicas mundanas..... *Alberto Braga*  
 Chronica d'Outros tempos..... *Pinto de Carvalho (Timp)*  
 Relações commerciaes de Portugal..... *Mattoso Santos*  
 Artes litteras, personalidades, festas e monumentos religiosos..... *Dr. Antonio José Boscada e Padre Manuel Damazo Antunes*  
 Instituições portuguezas no Brasil..... *Visconde de Faro e Oliveira*  
 Salões, interiores e ateliers..... *Franco Branco*  
 Theatro Scandinavo..... *Alberto Pinometal*  
 Poetisas brasileiras da actualidade.....  
 Notas da quinzena; Costos; Versos; Biographia; Criticas da arte: musical, theatra, de pintura, de esculptura, etc.

**40 A 50 GRAVURAS**  
 (Em cada numero)

#### Paginas supplementares

**Horns d'oculo**, (charadas, enigmas, logogriphos, problemas, jogo do xadrez, damas, bilhar e outros)..... *F. A. de Mattos*  
 Sciencia facil e recreativa..... *Alvaro d'Almeida e Oliveira*  
 Curiosidades, aneddotas illustradas, pensamentos, contos variados, etc.

**10 A 15 GRAVURAS**  
 (Um cada numero)

#### ILLUSTRAÇÕES

De Alfredo Candido (Brasil), Antonio Ramalho, Carlos Reis, Columbano Bordallo Pinheiro, Costa Campos, João Galhardo, João Vaz, José Queiroz, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, Manuel de Macedo, Pedro Americo (Brasil), Raphael Bordallo Pinheiro, Teixeira Lopes e Velloso Salgado.

**Caricaturas de Cebo Herminio e Leal da Camara.**

#### Secção Photographica

**DIRECTOR:—Arnaldo Fonseca.**  
**COLLABORADORES:—Os melhores photographos amadores e profissionais portuguezes e brasileiros.**

**CORRESPONDENTE NO PORTO:—Magalhães & C.—Photographia Universal.**

#### Processos graphicos do Brasil-Portugal

Typographia, Stereotypia, Lithographia, Gravura em madeira, Photographa, Phonocincographia, Zincographia e Schiocrastia.

Os **GRAPHEUTORES** tem ja publicado artigos, contos e versos, firmados por:

Abel Bonillo  
 Athlio Maia (Brasil)  
 Agulino das Neves e Melo (Brasil)  
 Adolfo de Seixas  
 Affonso Loyô  
 Alberto Braga  
 Alberto de Madureira  
 Alberto de Oliveira  
 Alberto Fimmentel  
 Alcides Flavio (Brasil)  
 Dr. Alfredo da Cunha  
 Alfredo Callis  
 Alfredo Guimarães  
 Alvaro d'Almeida e Oliveira (Oraval)  
 Alvaro Pinheiro Chagas  
 Antonio Arroyo  
 Antonio Bandeira  
 Conselheiro Antonio Ennos  
 Antonio da Gama (presidente da Liga dos estudantes brasileiros)  
 Antonio José de Araújo  
 Anselmo de Andrade  
 Anselmo Vieira  
 Anthero de Figueiredo

Archievo de Evers  
 Archor de Lima  
 Arnaldo Fonseca  
 Conselheiro Augusto de Castilho  
 Barilo de Maral  
 Dr. Bello de Moraes  
 Bispo de Lamego  
 Dr. Carlos Tavares  
 Conde de Monaraz  
 Conde de Sabogaça  
 Dr. Coma Bellom  
 Dr. Diogo Acachado  
 Domingos Magarinos (Brasil)  
 Eduardo Augusto Vidal  
 Elydio de Almeida  
 Euclides Dias (Brasil)  
 F. A. de Mattos  
 Faustino de Fonseca  
 Fernandes Costa  
 Francisco de Almeida  
 Freitas Branco  
 Dr. Francisco de Noronha  
 G. Gomes Coelho  
 Gomes Lea

Gomes de Brito  
 Lourenço Teixeira  
 Guerra Junqueiro  
 Guilherme Gama  
 Henrique Lopes de Mendonça  
 Henrique de Magalhães (Brasil)  
 Jayme Victor  
 João Grave  
 João Penha  
 João Saraiva  
 Jullio Brandão  
 Jullio Dantas  
 Lambertini Pinto  
 Lineo d'Assumpção  
 Lorjô Tavares  
 Luiz Cardoso da Silva  
 Luiz Moraes de Carvalho  
 D. Luiz de Castro  
 Luiz Trigueiros  
 Manuel Arbo (Brasil)  
 Dr. Manoel d'Arrago  
 Padre Manuel Damazo Antunes  
 Massimo Friet  
 Marceas Ferreira

Conselheiro Mattoso Santos  
 Dr. Miguel Bombarda  
 Moura Cabral  
 Dr. Moreira Junior  
 Olyro Elias (Brasil)  
 Olyro Nunes (Brasil)  
 Orlando Teixeira (Brasil)  
 Pedro Americo (Brasil)  
 Pinto de Carvalho (Timp)  
 Ramalho Ortigo  
 Raul Brandão  
 Raymundo Corrêa  
 Ricardo Malheiros  
 Conago Senna Freitas  
 Silva Lisboa  
 Silva Pinto  
 Sousa Viterbo  
 Thomas Calceira  
 Conselheiro Thomaz Ribeiro  
 Theodoro Rodrigues (Brasil)  
 Valentin de Magalhães (Brasil)  
 Visconde de Faro e Oliveira

## NOVA ASSIGNATURA

### REDUCÇÃO DE PREÇOS

### ✽ CONDIÇÕES ✽

**1.º ANNO (1899)**

1 anno ..... 7\$000 réis  
 6 mezes ..... 4\$000 réis  
 3 " ..... 2\$000 réis  
 Avulso ..... \$400 réis

**2.º ANNO (1900)**

1 anno ..... 6\$000 réis  
 6 mezes ..... 3\$500 réis  
 3 " ..... 2\$000 réis  
 Avulso ..... \$350 réis



# BRASIL-PORTUGAL

Nos numeros a seguir publicará artigos, contos ou versos, firmados pelos seguintes:

## ESCRITORES PORTUGUEZES

D. Alice Moreno  
Dr. Alvaro Possolo  
Conego Alves Mendes  
Conselheiro Antonio d'Azevedo  
Castello Branco  
Antonio Batalha Reis  
Conselheiro Antonio Candido  
Antonio Feijó  
Dr. Antonio José Boavida  
Antonio Nob e  
Augusto Gama  
Augusto de Mello  
Augusto Xavier de Mello  
Barão de Sant'Anna Nery  
Bento Carqueja  
Conselheiro Bernardino Machado  
Bispo de Coimbra  
Bispo do Porto  
Brito Aranha

General Brito Rebelo  
Bulhão Pato  
Dr. Candido de Figueiredo  
Carlos Afonso  
Carlos Malheiro Dias  
Carlos Santos  
Casimiro Dantas  
Conselheiro Correia Barata  
D. Claudina de Campos  
Conde de Arroyo  
Consiglieri Pedroso  
Eça de Queiroz  
Dr. Eduardo Alves de Sá  
Eduardo de Noronha  
Eduardo Schwalback  
Eugenio de Castro  
Conselheiro Emygdio Navarro  
Fialho d'Almeida  
Firmino Pereira  
Dr. Francisco Ferraz de Macedo

Gabriel Pereira  
Hygino de Mendonça  
Dr. Hygino de Sousa  
João Barreira  
João Bonança  
D. João da Camara  
Dr. João de Menezes  
João da Rocha  
Joaquim Leitão  
Dr. José Arroyo  
José Antonio de Freitas  
Cons. José d'Azevedo Castello Branco  
José Sampaio (Bruno)  
Dr. José de Figueiredo  
Lopes de Mendonça  
Lourenço Cayolla  
Lucinda Simões  
Luciano Cordeiro  
Dr. Magalhães Lima

Dr. Manuel Penteado  
Dr. Manuel da Silva Gayo  
D. Maria Amalia Vaz de Carvalho  
Marcellino de Mesquita  
Martinho de Brederode  
Oliveira Ramos  
Dr. Sampaio  
Santos Tavares  
Cons. Silveira da M. ta  
Sousa Bastos  
Cons. Sousa Monteiro  
Theophilo Braga  
Thomaz de Mello  
Trindade Coelho  
Visconde de S. Baventura  
Zacharias d'Aça

## ESCRITORES BRASILEIROS

Acrisio Motta (Pará)  
Dr. Affonso Celso (Rio de Janeiro)  
Alberto Salles (S. Paulo)  
Dr. Aluysio de Azevedo (Rio de Janeiro)  
Armando Euse (Santos)  
Arthur Azevedo (Rio de Janeiro)  
Basilio Pereira (Bahia)  
Barão do Rio Branco (Rio de Janeiro)  
Barbosa Vianna (Pernambuco)  
Candido Mendes (Rio de Janeiro)  
Capristano Abreu (Rio de Janeiro)  
Clovys Baviagua (Pernambuco)  
Coelho Netto (Rio de Janeiro)  
Cunha e Costa (Santos)  
Cunha Mendes (S. Paulo)

D. masceno Vieira (R. Grande do Sul)  
Dario Vellozo (Curitiba)  
Domingos Guimarães (Bahia)  
Eduardo Prado (S. Paulo)  
Eduardo Salamonde (Rio de Janeiro)  
Egas Moniz de Aragão (Bahia)  
Emilio Goeldi (Pará)  
Farias Brito (Ceará)  
Fernando Mendes d'Almeida (Rio de Janeiro)  
Ferreira de Araujo (Rio de Janeiro)  
Filinto d'Almeida (Rio de Janeiro)  
D. Francisca Julia da Silva (S. Paulo)  
Garcia Redondo (S. Paulo)  
Gervasio Fioravanti (Pernambuco)

Gonzaga Duque Estrada (Rio de Janeiro)  
Guilherme Studart (Ceará)  
Henrique Chaves (Rio de Janeiro)  
Imael Bramão (Mantão)  
João de Deus do Rego (Pará)  
Joaquim Nabuco (Rio de Janeiro)  
José do Patrocinio (Rio de Janeiro)  
José Verissimo (Rio de Janeiro)  
D. Julia Lopes d'Almeida (Rio de Janeiro)  
Luiz Murat (Rio de Janeiro)  
Luiz Tarquinio (Bahia)  
Machado de Assis (Rio de Janeiro)  
Manuel Cotta (Rio de Janeiro)  
Manuel Rocha (Rio de Janeiro)

D. Maria Luiza Egas Moniz (Bahia)  
Mello Moraes (Rio de Janeiro)  
Nina Rodrigues (Bahia)  
Paes de Carvalho (Pará)  
Paulino de Brito (Pará)  
Pereira da Costa (Pernambuco)  
Oliveira Gomes (Rio de Janeiro)  
Quintino Bocayuva (Rio de Janeiro)  
Rodrigues de Carvalho (Ceará)  
Dr. Ruy Barbosa (Rio de Janeiro)  
Sylvio Romero (Rio de Janeiro)  
Theophilo Ottoni (Rio de Janeiro)  
Vasco d'Abreu (Rio de Janeiro)  
Wenceslau de Queirós (S. Paulo)  
Zepherino Candido (Rio de Janeiro)

No BRASIL-PORTUGAL continuarão a apparecer as mais formosas perolas litterarias dos grandes escriptores extinctos. Já honraram os numeros publicados os nomes de:

Adelino Fontana (Brasil)  
Alexandre Herculeano  
Antonio Feliciano de Castilho  
Paquedes Varella  
Fernando Caldas  
Fonotura Xavier (Brasil)

Francisque Sarcey  
Garrett  
J. J. Weiss  
João de Deus  
Luiz de Camões  
Luiz Guimarães

Mario Bertaux  
Paulo d'Arruda (Brasil)  
Rodrigues Lobo  
Sarah Bernhardt  
Simões Dias

**Romance**—O BRASIL-PORTUGAL tem publicado desde o n.º 10 e continua publicando **em feição separada** o romance **TERRA DE SANTA CRUZ** expressamente escripto para esta revista por HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA. O romance **TERRA DE SANTA CRUZ** é primorosamente illustrado por ALFREDO DA COSTA CAMPOS.

**Gravuras**—O BRASIL-PORTUGAL publicou até hoje **390 gravuras**, sendo **no texto 216**, **no romance 21** e **nas paginas supplementares 53**.

**Annuncios**—O BRASIL-PORTUGAL é, de todas as revistas contemporaneas, a que publica mais paginas de annuncios de Portugal e do Brasil. Com muitas casas em ambos os paizes tem contractos firmados a longo prazo. Ha illustradores espeziaes para annuncios illustrados.



## LA BÉGARRE

F. CARNEIRO & C.<sup>a</sup>

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brinde. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49—LISBOA.

CONCURSO LITTERARIO E ARTISTICO

DO

"Brasil-Portugal"

PREMIOS PECUNIARIOS

(Vide pag. suppl. 5).



## Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

DIRECTORIA

João Gualberto da Costa e Cunha

PRESIDENTE

M. S. Cruz Junior, secretario

Dr. Firmo Braga, medico

Dez.<sup>tes</sup> Ernesto A. V. Chaves, advogado

consulor

João Ventura Ferreira, thesoureiro interino

Joaquim Antonio de Amorim, gerente

José Simão da Costa, actuário

PARÁ, BRASIL

## ESTADO FINANCEIRO EM 1.º DE JANEIRO DE 1899

Seguros propostos .....	Rs.	45.812.000\$000
Seguros em vigor .....	»	37.402.000\$000
Renda .....	»	3.079.985\$718
Reservas de reseguero .....	»	1.275.176\$349
Sinistros pagos .....	»	319.539\$870
Sobras .....	»	245.511\$969
Apolices emitidas .....	»	2\$149

Esta poderosa Sociedade em seu primeiro periodo social, recebeu maior numero de propostas, effectou maior somma de negocios, emittiu maior quantidade de apolices, realiso maior receita, separou maior reserva, levou a conta de seus segurados maior verba de sobras, ao passo que, relativamente, dispendeu menos com a sua administração, e teve menos sinistros do que qualquer companhia congere do mundo, no mesmo espaço de tempo, em relação aos negocios realizados.

A GARANTIA DA AMAZONIA é hoje a primeira companhia de seguros de vida da America do Sul

## Companhia PHENIX PERNAMBUCANA

(Seguros maritimos e terrestres)

ESTABELECIDA EM 1870

DIRECTORIA

Luiz Duprat, José Joaquim Dias Fernandes, Dr. Manuel Gomes de Mattos

Séde: RECIFE Rua do Commercio 46—PERNAMBUCO

LA UNION Y EL PHENIX ESPAÑOL  
Capital social 2.400.000\$000 rs.  
13.600.000\$000 REIS  
De sinistros pagos desde 1864 até 1895  
PREMIOS E RESERVAS 4.993.000\$000  
Seguros contra incendio, explosão de gas  
ou talos

Equator Atlantique & Union Maritime  
Companhias francezas contra os riscos maritimos e riscos de transporte de qualquer natureza.

DIRECTORES — Léon Meyer & Filhos  
LISBOA — Rua da Prata, 59, 1.º

Consultorio medico-homeopatico

Do Dr. Cesario d'Abreu

RUA AUGUSTA, 224, 226, 228

LISBOA

Consulta medico-cirurgica e partos—12 ás 3 h., e de 10 h., dr. Arthur Braga.  
Consulta medica, 2 ás 6 h. da t.; dr. Cesario d'Abreu.

Consulta gratuita a qualquer hora

## Almanach Illustrado

DO

"BRASIL-PORTUGAL"

(Vide 4.ª pagina da capa).

Empresa Nacional de Navegação

Carrico quinquenal para a Costa d'África Occidental

Saídas a 6 e 21 de cada mes, tocando nos seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomaz, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B.—Os passageiros que sahem a 6 não fazem escala por Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os do dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 9, 1.º



**NUNES & NUNES** Cambios e Papéis de Credito

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: DOISNUNES

95, RUA DO OURO, 97 — LISBOA

**Companhia Geral de Credito Predial Portuguez**

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo —juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %/100 de 10 e 60 annos. Emprestimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/5 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

**Regulador da Madre, Beirão**

Aprovado pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

*Para doenças proprias das senhoras. Regularisa os fluxos mensaes, quando escassos ou excessivos e allivia as penosas dôres, que quasi sempre os acompanham. Recomenda-se tambem como excellente calmante nos accessos nervosos e hystericos que frequentemente procedem ou acompanham os periodos mensaes.*

DEPOSITO

**DROGARIA BEIRÃO**

DE

CARVALHO LEITE & C.<sup>a</sup>

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

**AMAZONENSE**

DIRECTORIA

Presidente — Coronel Antonio de Miranda Araujo

Secretario — Alfredo Bastos

Gerente — Alberto Moreira Junior

Medico-Chefe — Dr. Menezio Quadros

Banqueiro — Banco do Amazonas

**Antonio do Couto**

ALFAYATE

Tem sempre em deposito grande e variado sortimento

DE

FAZENDAS DE LÃ E SEDA

Nacionais e estrangeiras

Proprias para todas as estações

Recebe e satisfaz encomendas pelo correio

REMETTE AMOSTRAS E PREÇOS



RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

**ALMANACH ILLUSTRADO**

DO

**“BRASIL-PORTUGAL”**

(Vide 4.ª pagina da capa),

**AO PALAIS ROYAL**

JOIAS

GRANDE BAZAR

MACHINAS DE COSTURA

Variedade de pedras preciosas desde o brilhante de pura agua á mais modesta amethysta.

Phantasias em adreços e em obras de ouro

A. PINTO DA CUNHA

CAIXA POSTAL, 124

Rua Conselheiro João Alfredo, 91 — PARÁ

**Companhia de Seguros**

SOBRE A VIDA

Séde social: Rua Municipal, 68 — MANÁOS

Telephone n.º 230 Caixa Postal n.º 66-A End. Teleg. AMAZONAS

Unica com séde no Estado do Amazonas  
Unica que paga sempre os seus sinistros  
imediatamente após a exhibição  
das provas legaes

Unica sociedade em que os segurados  
participam dos lucros

Unica em que os habitantes do Amazonas e  
devem fazer seguros



**Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho**

FORNECEDORES DA CASA REAL ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

**J. NUNES CORRÊA & C.<sup>ª</sup>**

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 152, 154 e 156—**LISBOA**

Promptifiamos em com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.

**AGUA CARBO GAZOSA**

DAS

**LOMBADAS**

S. Miguel (Apores)

**A RAINHA DAS AGUAS DE MESA**

LEVE, ESTOMACAL, DIGESTIVA

A mais pura e mais barata, garrafas e rolas esterilizadas.  
Pedir taboellas de preços e condições de venda a Meyrelles & C.<sup>ª</sup>, fornecedores da Casa Real Portuguesa, e de S. A. S. o Principe Reimante de Monaco.

**174, RUA DO ARCO BANDEIRA, 178**

**LISBOA**

COMPANHIA  
DE

**Mossamedes**

Sociedade anonyma

Capital Rs. 2.475,000\$000

Ações de 45000 rês

Sede social em Lisboa

90, Rua de S. Julião

Comité da Direcção:

4, Rue La Paletier, Paris

Administrador delegado

Antonio Julio Machado

**ALVES DINIZ & IRMÃO**

R. DE S. JULIÃO, 92 a 103

Negociantes de generos colonias

**Consumo e reexportação**

Tambem recebem consignações de conta alheia.

Livraria moderna PEREIRA & SILVA

PARA — R. Cons.<sup>ª</sup> João Alfredo, 35

Lectura amena

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.

**PERTENCES DE ESCRITORIO**

Preços sem competencia

Endereço telegraphico Moderna.

**Atelier-Photo-Chimico-Graphico**

P. MARINHO & C.<sup>ª</sup>—Rua de S. Paulo, 216, 2.<sup>ª</sup>—**LISBOA**

NUMERO TELEPHONICO 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do paiz. em todos os trabalhos.

**Execução perfeita.**

**Casa de liquidações**

Rua Marechal Deodoro, 6-A

**Manãos**

PROPRIETARIO

Francisco Iruzas de Almeida

**CASA DE COMMISSÕES**

**JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO & C.<sup>ª</sup>**

Importadores e Exportadores

**DE GENEROS DE ESTIVA**

Endereço telegraphico — **Capital**

Rua do Amorim, 33 a 35—**PERNAMBUCO**

**Coimbra & C.<sup>ª</sup>**

**FABRICANTES DE CALÇADO**

Fornecedores da Casa Real

E das principaes casas do paiz

**EXPORTADORES para a AFRICA e BRASIL**

homens e crianças nas FILIAES:

Rua do Principe, 124—Rua Nova do Carmo, 94

**Officinas — R. do Jardim do Regedor, 33 a 44 — LISBOA**

Grande sortimento de calçado de toda a especie para senhoras,

**GABINETE HYDROTHERAPICO**

DO DR. MAUPERRIN SARTOS

MEDICOS DIRECTORES: J. Momperrin Santos e J. Ribeiro d'Almeida.

Installação hydrotherapica completa, duas salas de duches para homens e senhoras, intelligentemente separadas e independentes, gabinete aquecido de electricidade e massageurs.

Tratamento de doencas nervosas e do estomago.

Aberta das 8 da manhã ás 8 da tarde.

Entradas: C. do Buaque, 20

C. DA GLORIA, 15 — LISBOA

**HOTEL DURAND**

**English Hotel — Lisboa**

7, Rua das Flores—Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

CASA PORCELA. N.º 56

**103**

ENDER. TELER. CAVILHAS

**A MAIS ANTIGA MERCEARIA DO ESTADO FUNDADA EM 1880**

**Dias d'Oliveira & C.<sup>ª</sup>**

Vinhos, conservas, generos de 1.<sup>ª</sup> qualidade.—A primeira n'este genero. Promptidão nas encomendas, garantia nas vendas.

Filial—Rua Theodoro Sarto—**Manãos**—RUA INSTALLAÇÃO, 12

**The Pacific Steam Navigation Company**

**Viagens rapidas para o Brasil e portos do Pacifico.**

**Carreira quinzenal (ás quartas feiras alternadas).**

Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as comodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Perú; e, na volta, para La Pallice e Liverpool Linha semanal entre Londres, Gibraltar, Malta e Cadiz, e linha mensal para Glasgow Carreiras para Bordeaux e Leith, etc.

**Caes do Sodré, 64, 1.<sup>ª</sup> — LISBOA**

Os Agentes — E. Pinto Basto & C.<sup>ª</sup>

**CONCURSO**

**LITTERARIO e ARTISTICO**

DO

**«Brasil-Portugal»**

PREMIOS PECUNIARIOS

(Vide pag. suppl. 5).



Caixa Postal  
290

# UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.  
UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Pará—BRASIL—T. da Industria, 13

## DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira      Secretário — Constantino Quadros de Carvalho  
Vice-presidente — José Marques Braga  
Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade  
Medico — Dr. Luciano Castro

### GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

### ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA

## ALMANACH ILLUSTRADO

DO

## "BRASIL-PORTUGAL"

(Vide 4.ª pagina da capa).

## Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.ª

R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortido de artigos para escritorio, papelerias, livros em braseo, chapéus, harmonicas, cordas para violão. Relejos. Caixas de musica. Roupas feitas, perfumarias, brin- quedos. Camas de viagem, binoculos, artigos para presentes.

### GRAND RAYON DE MIUDEZAS

O systema de vender tudo com pouco lucro é abolido no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho

## Soares Irmão & C.ª

MATRIZ  
CASA HAVANEZA  
Rua da Installação, 7  
Vendas  
por grosso

Importação directa de todas as praças  
Caixa postal n.º 43  
Ender. teleg. HAVANEZA  
MANAOS

FILIAL  
O Bardeiro Elegante  
Rua Municipal, 15  
Vendas  
a Varejo

Permanente deposito de charutos, cigarros e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens e em objectos para viagem. Especialistas em roupa branca portugueza. Perfumarias.

## Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites  
Portuguezes

ENDER. TELEGR. "Alda."

C. do Correo 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ



## VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

LONDRES, 1862; PORTO, 1865 E PARIS, 1867 E 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

PORTO  
Registrada

Marca de Comercio

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, copartias, rolinhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada, de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto.

## Photographia

## FIDANZA

PARÁ

Rua Conselheiro João Alfredo, 22

O mais antigo e acreditado estabelecimento do

Norte do Brasil

premiado nas exposições de Paris e Chicago.

Nitidez, perfeição e arte



## MANOEL CANICEIRO DA COSTA

CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR

O mais antigo estabelecimento do norte do Brasil

Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

Grande Deposito De materias para construção civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124—PARÁ